

Ir. Basilio Rueda Guzmán
HOMEM PARA O HOMEM

Caderno 7

O SUPERIOR E O IRMÃO

IR. GIOVANNI BIGOTTO

Autor

Ir. Giovanni Bigotto, Postulador Geral

Tradução

Irs. Aristides Zanela e Salvador Durante - fms

Original: Cahier 7 : *Le Supérieur et le Frère* – Março 2003

Editor

Instituto dos Irmãos Maristas – Casa Geral - Roma

C.P. 10250, 00144 Roma, Itália

Tel.: (39) 0654 5171 – Fax: (39) 0654 517217

E-mail: publica@fms.it e gbigoitto@fms.it

Website: www.champagnat.org

© Instituto dos Irmãos maristas.

Janeiro 2005.

Impresso na Itália

1

BASÍLIO, O SUPERIOR

Basílio foi Superior-Geral 18 anos, e líder toda a vida. As páginas que seguem detêm-se na liderança do Irmão Basílio: que acolhida que recebeu como Superior, como foi julgado no seu estilo de governo, que estilo foi esse, o que sobra na Congregação, depois de uma vintena de anos?

O que se impõe é que o percurso de sua vida foi o de alguém sempre solicitado a assumir o comando, a tornar-se responsável: pressentia-se nele o dom de líder. Desde os primeiros anos de apostolado, manifesta grande impacto de condutor sobre seus alunos do Centro Universitário do México (CUM), depois entre os jovens que freqüentam os Cursos de Cristandade. O restante da vida, a partir de 1961, o conduz de uma função importante para outra mais importante ainda. Responsável pelo Movimento do Mundo Melhor no Equador, de 1961 a 1964; diretor do Segundo Noviciado na Espanha, de 1965 a 1967; Superior-Geral dos Irmãos Maristas, de 1967 a 1985, reeleito para um segundo mandato no primeiro escrutínio; formador dos formadores durante 18 meses, de 1990 a 1991; por fim, Mestre de Noviços das duas Províncias do México – cargo no decorrer do qual regressa ao Pai, em 21 de janeiro de 1996.

De uma vida de menos de 72 anos, a metade, 36 anos, será tomada por grandes responsabilidades. Em todas sabe insuflar dimensões novas abalando moldes anteriores.

Como é que seus colaboradores, Irmãos e amigos vêem as qualidades de líder e a liderança de Basílio?

1. Os depoimentos

Podemos dispor em dois grandes conjuntos a série de depoimentos que se expressam sobre a liderança de Basílio. Os que, acima, decidem da escolha do chefe; os que, abaixo, apreciam o trabalho.

1.1. Critérios da escolha de Basílio como Superior Geral

Sem dúvida, sua inteligência, seu ardor no trabalho, a comprovada maturidade espiritual e a constante audácia no apostolado eram conhecidas. Conforme já escrevemos, o Padre Lombardi, fundador do Movimento por um Mundo

Melhor, estava encantado por tê-lo como colaborador, e todas as cartas estão repletas de encômios.¹ Já expusemos também os sentimentos que experimentavam a respeito dele os Irmãos que acompanhavam as sessões do Segundo Noviciado no Escorial, de 1965-1967: todos tinham a impressão de respirar ares novos e tonificantes; consideravam-se preparados para a Igreja, depois da grande mudança do Concílio e para o mundo que evoluía sempre mais rapidamente. Duas coisas reconfortavam esses Irmãos: os novos instrumentos de trabalho que lhes eram oferecidos para o apostolado – estar em dia com seu tempo – e o fato de que esses instrumentos eram propostos por um homem de Deus de rara estatura.²

Mas voltemos ao ponto crucial de 1967, ao Capítulo Especial que a Igreja solicitara a todas as Congregações. Por que a escolha recai sobre o Irmão Basílio? Deixemos a palavra ao Irmão Quentin Duffy, que será seu Vigário por 18 anos: «Embora não tivesse nenhuma das características tradicionais requeridas (para ser Superior-Geral), para aqueles que o conheciam, era muito inteligente, muito sólido, ufano de sua vocação de Irmão. Era bem conhecido e muito apreciado pelos Superiores de diversos Institutos religiosos dos mais notáveis.

Para os que ouviam o Espírito Santo, que pedia um excelente religioso, inteligente, aberto, e para os que permaneciam atentos aos apelos do Espírito, que indicava de algum modo quem tinha escolhido, a cédula de voto foi preenchida rapidamente, e tivemos um «novo» Superior,... alguém capaz de enfrentar as novas realidades do mundo e da Igreja...».³ Apresentamos a opinião do Irmão Domingo Riuz, no começo do capítulo sobre o trabalho: «O Instituto necessitava de um Superior com as características de juventude, maturidade, preparação religiosa e científica, como também de grande capacidade de trabalho, não apenas para agüentar as longas horas seguidas de atividade, mas também para saber servir-se dos meios modernos, seja na escolha dos colaboradores, seja no emprego dos meios técnicos».⁴ As revistas espanholas desse período estão repletas de depoimentos semelhantes, e os Irmãos da Espanha estavam dispostos a pedir ao Irmão Basílio que participasse do

¹ *Basílio Rueda, outro Champagnat*, p. 20.

² Aqui seria necessário ler as páginas escritas nos documentos: Histórico das Sessões do Noviciado Maior na Espanha, 1965-1972, e as que falam da alegria da visita de Basílio e de suas conferências, como Superior-Geral.

³ *FMS-Mensagem*, n.º 19, maio de 1996, pp. 26-27.

⁴ Ver nota 53, no capítulo sobre o trabalho.

Capítulo Geral como perito, caso sua Província, o México Central, não o tivesse escolhido como Capitular. Ademais, é Basílio quem dinamiza, na Espanha, a preparação do Capítulo de 1967.⁵

Algumas testemunhas importantes dirão a imagem que os Irmãos se faziam de Basílio, no momento da eleição, em 1967.

A primeira será o Irmão Leoncio Martín, Vigário-Geral no Conselho do Irmão Charles Raphaël. Foi ele quem acolheu Basílio como aluno, depois o encaminhou para o juvenato e se tornou seu Provincial. Entre o Irmão Leoncio e o Irmão Basílio existe uma corrente de simpatia e de admiração, como de mestre para discípulo, mas de um mestre que tem a intuição de ter um discípulo extraordinário: «Foi sempre objeto de afeição especial», reconhece o Irmão Leoncio. Fala em termos muito elogiosos do jovem Basílio como professor, depois como responsável pelo Movimento por um Mundo Melhor. No entanto, a respeito da eleição como Superior-Geral escreve: «Eu não esperava isso; estava convencido de que suas qualidades singulares não eram conhecidas, devido ao fato de que evitava toda ostentação... Foi para mim momento de grande emoção quando foi proclamado Superior-Geral, e me recordei do menino que acolhera no colégio, depois no juvenato...».⁶

A segunda testemunha é o Irmão Arturo Chávez de la Mora. Viveu com Basílio nas casas de formação: juvenato, noviciado, escolasticado, depois lecionaram juntos seis anos no Instituto México e três anos no Centro Universitário do México. Estamos com um colega de formação e de trabalho. Suas vidas juntar-se-ão mais tarde, seja quando o Irmão Arturo se tornar Provincial, seja, sobretudo, quando, no segundo mandato de Basílio, for Conselheiro-Geral. À pergunta: «Que valor humano de Basílio admira mais?», responde: «Possui coração de ouro que o torna atento a todas as necessidades, penas e alegrias dos outros. Além disso, sempre fiquei impressionado pela retidão de sua vida. Sua vida, suas atitudes constituem uma linha reta que não se desvia por considerações de conveniência ou comodidade pessoal».⁷

A terceira que fala de Basílio é o Irmão Gabriel Rodríguez, mexicano, que estará no primeiro Conselho Geral de Basílio, de 1967 a 1976. Quando o Irmão Gabriel Rodríguez era escolástico, no Instituto Queretaro, Basílio era um dos

⁵ *Madrid Marista*, Ao Irmão Basílio Rueda, p. 7; número especial por ocasião do fim do superiorato do Irmão Basílio, em 1985.

⁶ *Norte Marista*, outubro-novembro de 1967, p. 1188.

⁷ *Norte Marista*, outubro-novembro de 1967, p. 1189.

professores e formadores; depois vai encontrar-se com o Irmão Basílio quando este é diretor do juvenato em Queretaro. Esse Irmão o julga assim: «É homem que vai ao fundo dos problemas, coloca-os sob a luz da fé e do amor das almas. Tem o dom de criar o espírito de família, de grupo, de equipe e de fazer caminhar todo o mundo para o Senhor. Estimula os outros, pondo em ação suas riquezas espirituais».⁸

O Irmão Raul Coral Burbano, colombiano, trabalhará oito meses como colaborador de Basílio no Equador, no Movimento por um Mundo Melhor. Confessa que sua vida mudou totalmente por tê-lo encontrado. Perguntado a respeito das características de liderança de Basílio, responde: «Completa e efetiva abertura à Igreja; perfeito planejamento de nossas atividades como religiosos educadores, e conhecimento mais bem centrado e sincero em nossa família religiosa e em nosso lugar na Igreja».⁹

Essas quatro testemunhas tiveram a entrevista reportada na revista *Norte Marista*. A revista da Província de Leão – *Orientaciones* – apenas apresenta entrevistas resumidas de uma dúzia de Irmãos (entre os quais os quatro nomeados), mas de horizontes mais diversos: Brasil, China, México, África, França, Argentina, Espanha, América Central, Santa Maria, Brasil, Austrália e Nova Zelândia.

Esses Irmãos dizem ao mesmo tempo o que lhes é pessoal, mas também o que é aceito em seus ambientes. Com efeito, a revista *Norte Marista*, de outubro e novembro de 1967, antes de ceder a palavra às quatro testemunhas, apresenta o novo Superior-Geral como

*jovem, entusiasta,
cheio de espírito evangélico,*¹⁰

e, na primeira página da revista, que é uma oração a Deus, assinada pelo Irmão Cibrian, as primeiras palavras são:

*«Senhor,
já nos disseram:
Temos um novo
Superior-Geral;*

⁸ Norte Marista, outubro-novembro de 1967, p. 1191.

⁹ Norte Marista, outubro-novembro de 1967, p. 1193.

¹⁰ Norte Marista, outubro-novembro de 1967, p. 1179.

*homem jovem,
sábio, simples e piedoso».*¹¹

O artigo de apresentação de *Orientaciones*, de autoria do Provincial de Leão, Irmão José García, fala de Basílio como *de uma figura nobre, que goza de prestígio e de afeição; que se faz amar por sua autenticidade, serenidade dos julgamentos; sua propensão a misturar-se com todo o mundo, com verdadeiro sentido de camaradagem; seu espírito de serviço e de sacrifício e, sobretudo, porque se vê nele a encarnação das três virtudes maristas: humildade, simplicidade e modéstia*. Eis o que pensa da eleição o Irmão Vicente Lorenzo, arquiteto da Casa Geral e delegado ao Capítulo: «Sempre acreditamos que, perante a incerteza e a efervescência ideológica dos tempos atuais, mais que de uma organização de tipo jurídico, a Congregação necessitava de orientação ideológica bem clara e de orientação pastoral, conforme o Concílio Vaticano II. Para chegar a isso, no seio do Capítulo destacava-se uma figura indiscutível: a pessoa do novo Superior-Geral. Homem cuja experiência apostólica ultrapassa a de qualquer um de nós; soube unir as virtudes do bom religioso com a atividade apostólica infatigável; conjuga a simpatia e a simplicidade de sua pessoa com a firmeza e o respeito dos outros. Homem de reflexão, de grande maturidade e de preparação científica indiscutível; e que não apenas trabalha, mas possui a arte da fazer trabalhar os demais com entusiasmo.¹² O Irmão Mário Guagliotto, da Província de Santa Maria, do Brasil, vê Basílio como «Superior que conhece o homem sob todas as facetas. Neste tempo pós-conciliar, a Congregação deve trabalhar principalmente na formação do homem religioso de espírito eclesial. O Capítulo escolheu o homem para essa missão».¹³

É, portanto, a idéia que se fazia de Basílio no mundo latino-americano e na Espanha. Sem dúvida, deve-se levar em consideração a alegria nesses louvores entusiastas: o mundo latino-americano e os Irmãos espanhóis viram seu candidato tornar-se Superior-Geral. No entanto, nada é exagerado, porque, no fim do Capítulo Geral de 1967, todos os Capitulares partilharão desses sentimentos. E esses louvores, essa admiração irão aumentando com o passar dos anos.

¹¹ Norte Marista, outubro-novembro de 1967, p. 1180.

¹² *Orientaciones*, p. 522.

¹³ *Orientaciones*, p. 520.

1.2 Julgamento sobre a liderança de Basílio

Agora descemos a dois momentos: quando termina o seu segundo mandato de Superior-Geral, em 1985, e quando nos recolhemos perante seus despojos mortais, em janeiro de 1996, ou nos julgamentos que seguem.

1.2.1– Quando deixa de ser Superior-Geral

A Província de Madri publica, no final de 1985, um número especial de sua revista *Madrid Marista*, com o título *Ao Irmão Basílio Rueda*. É como ação de graças pelos 18 anos de governo à testa do Instituto. O Irmão Demetrio Alzaga, amigo (intercambiaram mais de cem cartas), depois Provincial no tempo de Basílio, escreve nessa revista: «A todo o momento ofereceu modelos, indicou caminhos para andar com segurança. Fez isso de acordo com as exigências e as necessidades de cada tempo, de cada país e à luz vinda do espírito marista e dos ensinamentos do Evangelho. O Irmão Basílio foi luz e guia durante os anos de seu governo».¹⁴ O Irmão José Llanillo é exuberante nesse mesmo sentido: «Muitos falam dele como dom de Deus, de homem providencial, fator extraordinário de unidade e de renovação. Foi Superior para nosso tempo: homem aberto, de espírito amplo, ao mesmo tempo com imaginação e equilíbrio, paciente e sem desanimar nos momentos difíceis para a Igreja e o Instituto... Homem que soube olhar para o futuro, mas permanecendo realista...».¹⁵

O Irmão Javier García Terradillos, seu Conselheiro-Geral, resume assim a presença de Basílio à testa da Congregação: «Não podemos dizer o que o Instituto poderia ter sido em outras mãos, mas nas suas, posso afirmar que a crise foi muito atenuada; orientou as Províncias; serviu de grande equilíbrio, nesse período de mudanças rápidas... E, sobretudo, nos últimos anos, orientou para o aprofundamento da oração na vida dos Irmãos, o que, cedo ou tarde, produzirá frutos e tornará a Congregação mais séria e profunda».¹⁶

1.2.2 – Depoimentos depois da morte.

A morte do Irmão Basílio suscitou emoção imensa em todo o Instituto e na Igreja; nunca um Superior foi cercado de tanta afeição e de orações no momento de sua última doença. Todos os discursos feitos em torno de seu

¹⁴ Madrid Marista, Ao Irmão Basílio Rueda, p. 7.

¹⁵ Madrid Marista, Ao Irmão Basílio Rueda, p. 20.

¹⁶ Madrid Marista, Ao Irmão Basílio Rueda, p. 21.

esquife testemunham gratidão, admiração, louvor, expressão de profunda afeição. Abramos espaço para algumas passagens desses discursos: «Solicitaram-me para dar alguns depoimentos concernentes ao Irmão Basílio em sua qualidade de Superior-Geral de 1967 a 1985... Pessoalmente, penso que ser Superior-Geral dos Irmãozinhos de Maria foi a missão de sua vida. Missão de serviço total e amoroso, de natureza universal a que Deus destinara nosso Irmão Basílio. Foi para isso que nasceu. Conheci-o desse ponto de vista. É essa visão do Irmão Basílio me ficou gravada no coração.

... O Irmão Basílio podia dizer perfeitamente, ao referir-se aos Irmãos de todo o Instituto, aquilo que Marcelino disse um dia: ‘Levo todos os Irmãos no mais profundo do coração’, e todos os Irmãos do Instituto, dos anos de 1967 a 1985, de todas as línguas e de todas as raças podiam responder-lhe: ‘Basílio, nós também te levamos no coração. Tu nos deixaste marca indelével em todo o nosso ser’... E, hoje, te dirijo as palavras do Irmão Francisco a respeito de Marcelino, em 6 de junho de 1840: ‘Sobre a terra perdemos um amigo, um conselheiro, um consolador, mas ganhamos um poderoso intercessor no céu’.¹⁷ O Irmão Aureliano Brambila toca num dos carismas de liderança de Basílio: amava de verdade e era amado de verdade; o amor, alma indispensável de um bom governo. O Irmão Carlos Martínez Lavín foi homem marcante no México do tempo de Basílio. No discurso de sepultamento expressa estes sentimentos: «Hoje (na missa de enterro), com ele, queremos proclamar a glória de Deus, a glória de sua graça, de sua misericórdia, de sua Providência que agia nele, fazendo-o para nós, um sacramento de seu poder e de seu amor, de densidade e riqueza excepcionais... Deixa-nos a preciosa herança de seu ensino, escrito nas circulares e, sobretudo, no livro de sua vida. E temos o dever de torná-lo conhecido».¹⁸ O Irmão Joaquim Flores Segura era Provincial de Basílio no momento da morte. Dá este testemunho: «Esse longo período à testa do Instituto Marista coincide com a aplicação, na Igreja, dos ensinamentos e das orientações do Concílio Vaticano II. Podemos afirmar que a presença do Irmão Basílio foi providencial naquele momento para nosso Instituto. Seu carisma especial, sua intuição profética nesse tempo histórico da Igreja e do mundo

¹⁷ Irmão Aureliano Brambila, em FMS-MENSAGEM, n.º 19, p. 15. Esse Irmão foi Provincial no México, no tempo de Basílio, e colaborou com o sonho de Basílio de ter especialistas do Padre Champagnat. É um dos melhores conhecedores das Cartas do Fundador.

¹⁸ Irmão Carlos Martínez Lavín, em *México Marista*, n.º 10, p. 14. Esse Irmão foi Provincial do México Central. Atualmente trabalha em Cuba, com o primeiro grupo de Irmãos que retornaram a esse país.

foram altamente benéficos e nos orientaram... Se o Irmão Basílio não sentiu inquietação alguma ao tornar-se Superior-Geral, ainda menos a experimentou quando se tornou Ex-Superior-Geral. Viveu e trabalhou conosco com a mesma simplicidade e disponibilidade para servir. Infatigavelmente ofereceu sua ajuda, simpatia, amizade e permaneceu muito próximo de cada um dos Irmãos e das pessoas com quem trabalhou... Obrigado, Senhor, pelos exemplos e pela vida de serviço do Irmão Basílio. Obrigado pelos dons que lhe concedeste, pelos frutos que teu amor fez brotar nele e em todos quantos o conheceram e dele se aproximaram».¹⁹

Esses três depoimentos provêm de Irmãos mexicanos, amigos de Basílio e que assumiram cargos importantes. Mas o louvor em favor de Basílio como Superior irrompe de toda a parte. No retrato de Basílio, que o Irmão Charles Howard traça em grandes pinceladas, achamos: «Voz profética que nos convida a aceitar os desafios propostos pelo Vaticano II e a responder a seus apelos. Orientou, de maneira especial, nossa atenção para as necessidades das missões e dos pobres... Estimulou profunda renovação de nossa vida espiritual pessoal... Nunca abatido, fonte de inspiração para todos nós. A muitos Irmãos deu nova fé em si próprios e no Instituto. Nosso reconhecimento a esse intrépido guia que nos mostrou o caminho e nele nos dirigiu. À semelhança do profeta do Êxodo: «Dizei ao povo de Israel que se ponha a caminho», o Irmão Basílio foi realmente um líder nessa caminhada».²⁰ O Irmão Seán Sammon, nosso Superior-Geral, estava presente nos funerais do Irmão Basílio, na qualidade de Vigário-Geral. Seu discurso aborda também a liderança de Basílio: «Este Irmão simples e bom dirigiu o Instituto e cada um de nós nesses períodos de nossa história carregados de desafios e dificuldades... O Irmão Basílio tinha visão maravilhosa da Vida Religiosa, seu entusiasmo era comunicativo e ia com muita habilidade ao coração da pessoa... Basílio sempre deu o que tinha de melhor... A lembrança deste homem bom e generoso sobreviverá nos corações e nos espíritos de cada um de nós e na vida de tantos outros...».²¹ Quando sobreveio o falecimento de Basílio, o Irmão Benito Arbués era Superior-Geral. Poucos dias antes, esteve à cabeceira do doente e ficou maravilhado pela maneira como Basílio se entregava nas mãos do Pai. Nas palavras que escreveu como abertura de FMS-MENSAGEM, n.º 19, de maio de 1996, toda consagrada a Basílio, afirma: «Foi

¹⁹ Irmão Joaquim Flores Segura, Provincial, México Central. Em *FMS-MENSAGEM* n.º 19, pp. 6-7.

²⁰ *Quero despertar a aurora*, p. 86.

²¹ (Irmão Seán Sammon, S.-G. em *FMS-MENSAGEM*, n.º 19, pp. 13-14.

Superior-Geral durante 18 anos, em época histórica muito importante, porque era necessário pôr em ação a renovação da vida religiosa pedida pelo Vaticano II e por nosso Capítulo Geral. Homem aberto ao Espírito, à Igreja e aos sinais dos tempos, deu um sopro decisivo a nosso Instituto. Ajudou-nos a redescobrir a nossa vocação de Irmãos, de leigos consagrados, como dons à Igreja, e a viver com alegria o chamado do Senhor que nos escolheu...».²²

É fácil compreender que depoimentos semelhantes podem ser multiplicados. Contentamo-nos com esses seis: três Provinciais do México e três Superiores-Gerais que lhe sucederam.

Na lista dos telegramas de pêsames figuram Cardeais, Bispos, muitos Superiores-Gerais de outras Congregações, grande número de religiosos, homens e mulheres, figuras da política e amigos que suscitou em todo o mundo porque um de seus princípios era «balizar com amigos o caminho da vida!».²³

De que maneira, então, Basílio governou para atrair-se tanta simpatia e elogios?

2. Um estilo de liderança²⁴

No estilo de liderança do Irmão Basílio há *uma visão* clara e *estratégias* para realizá-la.

2.1. A visão

Basílio herda um Instituto de 150 anos de existência, portanto, com tradições próprias, um quadro de vida em que dominam a Regra e a regularidade regulamentações. Herda-o no momento em que a Igreja quer mudar e, para isso realiza um Concílio de renovação ou de *aggiornamento*,²⁵ para empregar o termo que estava então em moda. O mundo se pusera a evoluir muito rapidamente, do ponto de vista científico, técnico, nos valores éticos e nos conceitos filosóficos: o mundo se tornou um grande canteiro de mudança.

Quatro triunfos ajudarão Basílio a ter uma visão clara do que devia tentar pedir à Congregação para renovar-se, no sentido solicitado pelo Concílio. *Sua passagem pelo Movimento por um Mundo Melhor* corresponde aos anos do Concílio Vaticano II. Isso faz parte de sua responsabilidade de *assimilar os documentos do Concílio* e de

²² FMS-MENSAGEM, n.º 19, maio de 1996, p. 4.

²³ Circular *Vida Comunitária*, p. 176.

²⁴ O depoimento do Ir. Quentin Duffy, de 26 de fevereiro de 2003, é dado por extenso na página 21.

²⁵ Termo muito usado pelo Concílio para indicar a necessária atualização da Igreja.

ensiná-los. É vantagem extraordinária porque terá o espírito e o coração impregnados das idéias e dos desejos dos Padres Conciliares. Esse trabalho de assimilação e de ensino vai prosseguir-lo por dois anos no Escorial, como formador de Irmãos que já têm na vida boa bagagem de experiência apostólica e cultural. *Basílio torna-se um homem do Concílio.* No Escorial vai aperfeiçoar outro trunfo: *o conhecimento do Fundador e do carisma do Instituto.* Ensina-os, melhor ainda: organiza para cada grupo de segundos noviços a peregrinação a l'Hermitage.²⁶ Faz beber na fonte o espírito das origens e ele próprio se sacia amplamente. Mas ser responsável pelo Mundo Melhor significa também *quatro anos fora do quadro da vida da Congregação*, muitas viagens, o encontro com toda a espécie de pessoas, numa palavra, os olhos abertos sobre a complexidade do mundo e do homem e sobre tudo quanto ferve de novidade. O jovem e brilhante Basílio, o Irmão Marista que é, observa, medita no coração, mede a distância que pode haver entre um mundo de convento e as encruzilhadas das rotas humanas. Acima de tudo, *é homem que vive de Deus*, nutre-se abundantemente com a Palavra do Senhor e vê tudo na luz do Espírito. *Assimilação dos documentos do Concílio, impregnação do espírito do Fundador, conhecimento do mundo e intimidade com Deus* constituem quatro feixes luminosos que permitem ao Irmão Basílio ter uma visão precisa do que deve tornar-se a Congregação dos Irmãos Maristas para permanecer apostólica na Igreja e no mundo de hoje e de amanhã. Falta-lhe um elemento importante para conhecer melhor a própria Congregação, dado que sua experiência se limita ao mundo hispanófono. Isso explica as viagens que empreende no começo de 1968: visita de 13 países da África,... ao passo que envia seu Vigário e seus Conselheiros a visitarem as outras partes do mundo marista.

2.1.1. Mas em que consiste essa visão?

Ela corresponde *à renovação* que o Vaticano II pede e que toca *a alma e o corpo* do Instituto. Consiste em impregnar-se mais do Evangelho, reencontrar o espírito das origens, adaptar-se para responder à juventude e ao mundo de hoje. Há nisso uma conversão do coração que deve optar por valores verdadeiros, os do Evangelho, e, portanto, desfazer-se de uma maneira de pensar arcaica, mas sacralizada pela tradição, pelo culto da Regra, da regularidade, dos exercícios feitos, de uma espiritualidade da lei e, portanto, da salvação conquistada

²⁶ Na biblioteca do Escorial conservam-se as preparações dessas peregrinações e o espírito que se lhes queria dar, como também os depoimentos dos Irmãos, surpresos pelo conhecimento que Basílio tinha do Fundador.

mediante o respeito da Regra. Era como se uma distância, uma defasagem se tivessem lentamente criado entre o universo marista e o mundo; entre os exercícios de piedade e a oração em espírito e verdade, aquela dos filhos em comunhão com o Filho que olha o Pai; entre as relações na comunidade e a sinceridade e espontaneidade dessas relações. Todas essas mudanças seriam expressas *na redação das novas Constituições*. Invadiam os domínios

- *da oração ou da relação com Deus;*
- *da vida da comunidade ou as relações entre Irmãos, e*
- *o apostolado ou as relações com os jovens e o mundo.*

Na prática, as implicações repercutiam nas estruturas de governo, na oração, no estilo de vida comunitária, no gênero de apostolado, na formação.

O governo vê aparecer a nova estrutura dos *Capítulos Provinciais* e as *Conferências Gerais*, e um sentido mais amplo da colegialidade. Os primeiros têm por objetivo fazer com que a renovação requerida pelo Concílio seja pensada e programada em cada Província, pela base, segundo o contexto social e cultural de cada situação. Não será uma renovação por pára-quadras. Será ajudada pelos Superiores de Roma, esclarecida pelos documentos do Capítulo Geral e as Circulares do Superior-Geral. Há textos de Basílio, que incluímos no final do capítulo, que dizem isso claramente. *A Conferência Geral* é também uma estrutura nova no Instituto. Realiza-se no meio do percurso de um mandato do Superior-Geral para examinar com todas as Províncias a situação do Instituto e a realização das decisões do Capítulo Geral. A primeira, a de 1971, tornou-se famosa devido à *Meditação em voz alta*, conferência-meditação em que o Irmão Basílio considera o que foi realizado no Instituto, no tocante à renovação, e o caminho que resta a percorrer. Basílio diz claramente aos Irmãos Provinciais: «Não podemos ser apenas administradores nestes tempos de mobilidade. Não podemos evitar, nem mesmo atenuar a mudança, mas, pelo contrário, é nosso dever conduzi-la ao êxito na linha evangélica e marista».²⁷

Essa vontade de implicar a base será mesmo mais evidente quando se solicitar a toda comunidade de traçar seu *Projeto de Vida Comunitária*. Quando a comunidade traça seu projeto, conforme pedem duas circulares de Basílio – *Projeto Comunitário* e *Projeto de Vida Comunitária* – o objetivo é de procurar fazer juntos a vontade de Deus tal como se expressa no plano de vida, mas isso implica todos os aspectos: *oração mais criativa, mais bíblica, mais ancorada na liturgia,*

²⁷ *Meditação em voz alta*, p. 389.

que cede grandes espaços à vida do mundo; estamos no caminho de uma Espiritualidade Apostólica Marista. Esse projeto deve estar atento para que as relações fraternas traduzam verdadeiramente o coração. Examina o mundo do apostolado para nele serem audazes testemunhas do Senhor. Mediante esse projeto de vida comunitária os Irmãos dão-se anualmente a oportunidade de se colocarem em dia com a vontade de Deus e com o ritmo do mundo. Portanto, não é mais, como ontem, um plano de vida definido uma vez por todas pelas Constituições e pelos Estatutos. Hoje, guiados pelas Constituições e pelos Estatutos, é aceita a mobilidade para dar-se o espírito, a organização, o trabalho e o horário que responda melhor aos apelos de Deus, dos homens e dos membros que formam a comunidade. Visão verdadeiramente nova para o tempo: fazia passar os Irmãos de um estilo de vida quase monacal a outro mais apto a uma Congregação ativa que, portanto, deve acompanhar o passo do mundo e do Evangelho.

Quanto ao *apostolado*, Basílio falou na desescolarização do Instituto. Sua intenção não era, em absoluto, de fechar as escolas, mas, por um lado, dotá-las de comportamentos de apostolado mais atuais, mais conformes ao espírito e às expectativas da juventude de hoje e, por outro, tornar-se sensíveis a outras formas de presença junto aos jovens marginalizados: centros de acolhida, bibliotecas, casas para jovens drogados, centros culturais, catequese paroquial... Da maneira que o mundo evoluía, pressentia que a comunidade seria sempre mais formada por um grupo de Irmãos com especializações diferentes, sem trabalhar necessariamente na mesma escola, mas em diversos setores da pastoral da juventude. Isso impõe um plano de vida mais flexível.²⁸

Para viver em tal comunidade, é necessário mudar a *formação* a ser dada, sobretudo aos jovens que querem ser Irmãos. Será uma formação que tenderá a construir no interior uma personalidade mais forte, mais convencida, mais evangelizada, dado que as estruturas exteriores se tornavam mais superficiais.²⁹ Nas conferências que Basílio proferia sobre a formação da personalidade via quatro grandes aspectos: o homem, o cristão, o religioso, o marista; e o equilíbrio do primeiro era essencial, constituía a saúde de base.³⁰

²⁸ Várias circulares falam nesse sentido: *A Vida Comunitária, O Projeto Comunitário, O Projeto de Vida Comunitária*.

²⁹ *Meditação em voz alta*, p. 363.

³⁰ Ver as notas dos cursos dados no Escorial e aos Irmãos do Jesus Magister. Basílio deu cursos sobre o tema da Vida Religiosa que, justamente, insistem nesses quatro aspectos.

A renovação deve penetrar todos os aspectos vitais da vida marista: oração, relações fraternas, apostolado. Mas, de que modo Basílio se houve para fazer entrar todos os Irmãos em seu modo de ver? Quais foram suas estratégias?

2.2. Estratégias para que a renovação se encarne

Podemos falar de estratégias de capilaridade e de estratégias de grupo.

2.2.1. As estratégias de capilaridade

As estratégias de capilaridade agem nos indivíduos como singularidades. Faz-se alusão aqui aos contatos diretos do Superior-Geral, mas também dos Conselheiros, com os Irmãos. Não temos depoimentos mais numerosos do que aqueles que relatam como o Irmão Basílio estava disponível para receber os Irmãos sempre que estivesse livre, como fazia em todos os grandes retiros ou visitas, acolhê-los para entrevistas, mesmo se isso se prolongasse noite a dentro ou continuasse numa sala de espera de estação férrea ou de aeroporto, até nos ônibus ou nos trens. Basílio recebia, mais particularmente, dois tipos de Irmãos: os que tinham problemas ou desejassem uma entrevista de amizade, e as entrevistas com Irmãos-chave: Provinciais, encarregados da formação... Muitos Irmãos Provinciais, que deixaram um depoimento, insistem na maneira de receber de Basílio apoio total e esclarecido.³¹ O encontro com ele sempre tendia para conduzir, se a gente pudesse dizer, do antigo testamento da vida marista, para o novo. Esses contatos pessoais prolongavam-se nas cartas, telefonemas, presentes para uma circunstância apropriada. Tinham a vantagem da convicção que o contato direto faz surgir, sobretudo porque este era feito de escuta, de compreensão, de grande respeito. Para Basílio, a pessoa era sempre um absoluto. Essa maneira de trabalhar entrava verdadeiramente no estilo de governo de Basílio, que reservara para si a animação da Congregação, enquanto a administração geral era preferentemente deixada ao Irmão Quentin Duffy, Vigário-Geral. Basílio sempre procurou favorecer e facilitar encontros de pessoa para pessoa. E nesses encontros era grande, perspicaz, humano, perito.³² Esse

³¹ Ver o depoimento dos Irmãos José Antonio López Guardado, Provincial da América Central; do Irmão José Manuel Gómez, Provincial da Colômbia; do Irmão Conrado Trascasa García, da Província de Madri ou o livro *Estilo de uma Vida...* O Irmão José Manuel Gómez Ramírez escreve: «Ajudou-me cada vez que recorri a ele, seja para assuntos pessoais, seja para casos difíceis de Irmãos da Província. Não media seu tempo nem de dia nem de noite. E que lucidez em resolver os casos mais difíceis!». Cf. Depoimento de 5 de setembro de 2002.

³² Páginas inteiras dos livros *Estilo de uma Vida*, *Queimar a Vida*, *Basílio Rueda*, *outro Champagnat*, FMS-

aspecto será estudado detalhadamente no capítulo que apresentará o Irmão Basílio como Irmão entre os Irmãos. Uma consequência dessa estratégia consistia em enviar muitos Irmãos a *se refazerem um coração contemplativo* em casas de oração: Troussures, com o Padre Caffarel; Spello na escola de Carlo Carretto, e Loppiano, sede dos Focolares. Basílio diz em todos os retiros dados nas Américas e na Espanha, de 1967 a 1972: «É no coração, na conversão do coração que começa a renovação». Sem coração que se abre a Deus, nada de renovação: daí também suas famosas circulares sobre a Oração, e os retiros sobre a Meditação que levarão vantagem no decurso de seu segundo mandato. O cardeal Pironio, prefeito da Congregação dos Religiosos desde 1975, lhe faz exatamente eco: «Há algum tempo, li uma circular magnífica do Irmão Basílio sobre a oração. Parece-me que é o caminho autêntico da renovação para os dias em que vivemos, para ser uma presença profética no mundo. Depois do Concílio Vaticano II, houve uma tentativa de renovação, que, pela pressa, apenas foi simples readaptação das formas e não verdadeira renovação; faltou a conversão do coração e do espírito, faltou a profundidade da oração».³³

2.2.2. As estratégias de grupo

As estratégias de grupo têm alcance maior: comunidades, centros de formação, Províncias, Instituto. Nesse caso, as idéias passam mediante através de conferências, retiros, visitas pastorais ou canônicas e os relatórios que seguem, as circulares ou os grandes momentos do Instituto, como as Conferências Gerais ou os Capítulos Gerais.

Já aludimos a certos relatórios de visitas, como os deixados aos Irmãos da Suíça, do Congo-Ruanda, do Canadá, da Província de Madri. Não deixa de dizer-lhes que rosto deveriam ter para com os jovens de hoje, para atraí-los à vida marista, para anunciar-lhes o Senhor, não com as palavras de ontem, mas com a voz que os jovens, hoje, compreendem.

2.2.2.1 – As circulares.

Se passarmos rapidamente sobre o panorama das circulares, é claro que algumas visam à mudança do coração: *Entretenimento sobre a Oração, A Meditação, A*

MENSAGEM, n.º 19, de maio de 1996, e um grande número de revistas: *México Marista, Madrid Marista, Bética Marista...* se detêm sobre este carisma de Basílio: acolhida e escuta.

³³ FMS especial de 1976. É uma conferência que o Cardeal Eduardo Pironio fez aos Capitulares de 1976.

Amigo de Basílio, foi convidado por ele para falar como amigo e prefeito da Congregação dos Religiosos.

Obediência, Um Novo Espaço para Maria, O Espírito do Instituto; outras levam a reflexão sobre a vida comunitária: *A Vida Comunitária, o Projeto Comunitário, O Projeto de Vida Comunitária;* outras fazem tomar consciência da Igreja, do mundo, dos apelos do Fundador para que nosso apostolado se adapte às mudanças que se produzem: é o sentido da primeira circular 2 de janeiro de 1968. A circular sobre *A Fidelidade* vem como reconforto nas dificuldades da adaptação à evolução: hoje, a fidelidade é possível e produz personalidades religiosas de grande valor, e a fidelidade permanece sempre o ideal a ser atingido, mesmo para a vida marista renovada. Todas as circulares propõem a visão nova da vida marista, sonhada por Basílio; todas oferecem doutrina rica, segura, corajosa. Nessas circulares, nossa família dispõe de um capital extraordinário. Deveriam estar presentes nos programas de renovação dos Irmãos: os seis meses de reabastecimento espiritual, os dois meses para os Irmãos da terceira idade, sessões especiais de formação dos formadores. Elas propõem uma ancoragem em Deus cativante e vivificante, uma simpatia constante para com nosso mundo, e esse passo antecipado que todo educador e homem de Deus deveria dar e que a inteligência e a esperança profética de Basílio garantem.

A propósito das circulares, o Irmão Quentin Duffy faz notar: «Seus escritos não são apenas numerosos; Basílio não se assustava em abordar assuntos que causavam problemas na Vida Religiosa. Um desses, «a obediência», era ressentido como dificuldade para muitos. O texto de Basílio era tão atraente que um pedido especial foi feito por vários grupos de jovens em Roma. Suas reflexões sobre a Comunidade se fizeram notar, malgrado a dificuldade do assunto. Quando escrevia sobre Nossa Senhora, falava-lhe diretamente e analisava o que pensava ser sua resposta. Os Irmãos antigos leram com entusiasmo esse texto sobre «Nossa Mãe». Era um filósofo, completamente à vontade nas discussões modernas. Era analista fino».³⁴

2.2.2.2. Capítulos e Conferências Gerais

Enfim, há os grandes momentos da vida do Instituto, que são *os Capítulos Gerais e as Conferências Gerais*, que têm como um dos objetivos justamente examinar em que ponto está nossa família religiosa e que diretivas lhe dar para que ande ao mesmo passo da Igreja e do mundo. Nesses momentos, Basílio intervém como consciência da Congregação. Em 1967 e 1968 realizou-se o Capítulo Especial de

³⁴ Depoimento do Irmão Quentin Duffy, chegado a Roma em 26 de fevereiro de 2003.

Renovação, pedido pelo Concílio. No intervalo entre as sessões, Basílio escreveu a circular *2 de janeiro de 1968*. É oferecida aos Irmãos Capitulares sobretudo como luz e instrumento de trabalho. Essa circular é certamente uma das mais ricas. As partes IV e V: os apelos do mundo, os apelos da Igreja, os apelos do Fundador são inovadoras, ainda hoje conservam seu valor, despertam a consciência da Congregação para que se abra e se ponha nas encruzilhadas do mundo. Se essa circular tivesse sido deveras assimilada, a renovação se teria produzido em ritmo mais rápido. Mas Basílio reconhece que a circular não foi compreendida. Volta à carga no momento da Conferência Geral de 1971. Perante todos os Provinciais reunidos, pronuncia a *Meditação em voz alta*: texto forte, direto, quase brutal que coloca os Provinciais perante sua responsabilidade de programar e fazer avançar a renovação nas suas Províncias. Essas 80 páginas são verdadeiro vade-mécum para os Provinciais sobre os pontos mais importantes para a renovação. Basílio os conscientiza a respeito da necessidade imperiosa de uma formação mais rica a ser dada aos jovens que querem entrar na Congregação, sendo urgente a formação de formadores: «Nossa maneira de conceber a formação, com efeito, não mudou muito, o que é grave para o futuro, dado que a juventude mudou profundamente. A mudança a que se deve visar nas casas de formação deve ultrapassar profundamente a das estruturas, das etapas e dos níveis. Trata-se do método, dos objetivos e do espírito. Ou os jovens encontram em nossas casas uma fórmula nova (que não é moleza, nem condescendência, mas seriedade e exigência) e ao mesmo tempo novas maneiras de ser; depois encontram também comunidades e superiores acolhedores, capazes de compreendê-los e continuar a formá-los... ou, então, perdemos boa parte, talvez a melhor, dessa juventude».³⁵

Certas páginas dessa *Meditação em voz alta* serão propostas como fecho deste capítulo. Nos Capítulos Gerais de 1976 e 1985, apresenta aos Capitulares o estado do Instituto, indicando quais são os pontos fortes, quais são os aspectos fracos e sobre os quais seria necessário trabalhar. Em 1985, em particular, pede aos Capitulares que entrem no Capítulo por longo tempo de oração e lhes dá três conferências, sendo que a terceira versa sobre a Espiritualidade Apostólica Marista.

³⁵ *Meditação em voz alta*, pp. 363-364.

2.2.2.3. Orientações decisivas

Enfim, no tempo dele, a Congregação tomou decisões ou pistas de trabalho que funcionam ainda hoje e cujo objetivo era justamente encorpar a renovação pedida pelo Concílio e pelo mundo: a abertura aos pobres e às missões;³⁶ l'Hermitage como santuário marista e centro de formação do espírito das origens; o ano de espiritualidade Champagnat, que hoje se tornou o Patrimônio Marista... Entre as pistas de trabalho: o Birô Internacional de Solidariedade (B.I.S.) para ir mais facilmente aos pobres; a formação dos jovens Irmãos, que se concretizará com a fundação do Marist International Centre, em Nairóbi, para os Irmãos da África, e com o Marist Asia Pacific Centre, em Manilha, para toda a Ásia e a Oceânia. Realmente, toda a Congregação toma consciência de que é necessária uma formação mais profunda, mais longa, mais especializada.

2.3. Constituições evangélicas

Podemos atribuir também ao Irmão Basílio as novas *Constituições*, aprovadas em 7 de outubro de 1986. Sem dúvida, resultam do esforço de todos os Capitulares de 1985 e da comissão que tinha trabalhado para apresentá-las ao estudo do Capítulo Geral; mas foram de seu tempo. Essas Constituições são verdadeiro presente do Espírito Santo, são muito evangélicas: expressão de uma Congregação que se renovou muito; são uma Regra de Vida que forma religiosos segundo os desejos do Concílio, por forte retorno ao Evangelho, às origens, e por uma resposta mais apropriada ao mundo de hoje. O Irmão Roque Salet, Capitular que trabalhava nas Constituições na comissão em que estava o Irmão Basílio, relata fatos precisos sobre a composição de certos artigos. Seu depoimento será oferecido entre os textos no final deste capítulo. Alguns testemunhos afirmam que bastava a presença de Basílio para que o grupo de trabalho se sentisse seguro e criasse confiança.³⁷ Ele próprio, nas piores tormentas, nunca perdeu a coragem. Era otimista por natureza, mas a amizade de Deus ajudava muito esse otimista incorrigível. Deixou bela mensagem de

³⁶ No tempo de Basílio, 10% da Congregação orientou-se para as missões. Cf. Irmão Cláudio Girardi, depoimento de 18-12-2002.

³⁷ Foi especialmente quando teve de assumir a responsabilidade do Curso de 18 meses para os Formadores, 1990-1991. Com a presença dele, a equipe sentiu-se logo mais segura. Muitos outros grupos fizeram essa experiência: *Epsimo*, e a equipe no México, encarregada de animar 60 escolas...

esperança aos Irmãos Capitulares de 1993: «*Acredito que a mensagem que se deveria transmitir aos Irmãos, e sobretudo o coração da mensagem, seria de dizer-lhes que o Instituto está para chegar a uma virada de sua história. Uma virada que deverá caracterizar-se por fidelidade mais profunda, e, ao mesmo tempo, por mudanças muito importantes.*

Explico-me: *Este é o quarto Capítulo Geral que me foi dado viver; e, ao refletir sobre o conjunto, parece-me que atualmente estamos enfrentando desafios, circunstâncias históricas que se intensificam, e que tudo isso diz aos Irmãos que nosso Instituto é mais do que nunca atual, como se tivesse sido criado, inventado e fundado para nosso tempo e para as circunstâncias atuais, mas ao mesmo tempo diz que, provavelmente, a maneira como vivemos, as instituições que criamos, a maneira como as administramos não estão à altura dos tempos e pedem mudanças muito importantes.*

Eis, acredito, o coração da Mensagem:

Dizer aos Irmãos, mais do que nunca, a nossa atualidade e também, mais do que nunca, a necessidade de impor uma virada muito séria a nossas vidas, a nossas comunidades e a nossas obras. E, precisando mais ainda esta mensagem, quero dizer aos Irmãos que não desanimem e, quando os apelos do Capítulo chegarem, quando nos solicitarem mudanças muito importantes, que tenham grande confiança.

Acredito verdadeiramente que aquilo que o Capítulo quis e está solicitando aos Irmãos, e as prioridades que assinala, transmitem, realmente, a vontade de Deus, como emanção de nosso carisma, dos apelos de nosso tempo e das circunstâncias históricas que são as nossas.

***Que os Irmãos aceitem isso com muita confiança e paz, que o aceitem com muita coragem».*³⁸**

O Irmão Charles Howard, seu sucessor, diz a seu favor: «O Irmão Basílio, com seu espírito perspicaz, seu trabalho pelo Movimento por um Mundo Melhor e sua preparação no Escorial, tinha boa compreensão dos desafios do Concílio quando foi eleito Superior-Geral, em 1967. Estava bem a par do fato de a Igreja solicitar às congregações religiosas de se re-situarem, de reescreverem suas Constituições no espírito do Concílio, de levarem em conta a situação do mundo e de lançarem um movimento de renovação – um tempo de desafios, um trabalho impressionante, e da responsabilidade de todos nós, mas uma responsabilidade muito particular, aceita por esse jovem Irmão Mexicano... Nossos documentos falam do Superior como de um ‘Irmão entre os Irmãos’, e o Irmão Basílio foi um exemplo disso para todo o Instituto. Seu amor aos Irmãos e seu relacionamento com eles tornaram-se legendários e foram fonte de

³⁸ Fonte: Irmão Galo Rivera A., Provincial do Equador, 21 de janeiro de 1996, fax aos Provinciais do México.

bênção para muitos. Cada Superior-Geral tem estilo próprio, e o do Irmão Basílio era carismático e muito pessoal, sendo uma graça para todo o Instituto».³⁹

O Irmão Basílio, entre os seus Irmãos, gozou sempre de admiração e afeição. Tínhamos a certeza de possuir nele um líder excepcional. O Irmão Quentin Duffy, Vigário-Geral, resume os esforços e as iniciativas de liderança de Basílio em frase que Basílio gostava muito de repetir, porque sabia e escrevia que nós nos encontrávamos em período de gestação:⁴⁰ tudo era feito para «ajudar a aurora a nascer».⁴¹

³⁹ (Irmão Charles Howard, S.-G., *FMS-MENSAGEM*, n.º 19, pp. 24-26).

⁴⁰ *Meditação em voz alta*, p. 346.

⁴¹ *Conferência Geral*, 1.º de julho de 1971, p. 340.

TEXTOS

1. O Irmão Basílio e o Governo do Instituto

(Depoimento do Ir. Quentin Duffy, seu Vigário-Geral durante 18 anos.)

O próprio Irmão Basílio estabeleceu o estilo de governo do Instituto que julgava melhor para os Irmãos. Isso consistia, sobretudo, em visitas às Províncias ou aos Distritos. O Provincial tinha o ensejo de dar os conselhos apropriados, que o Irmão Basílio julgava necessários, e Basílio reservava a oportunidade de encontrar os Irmãos lá onde trabalhavam. Podia ver também se um Irmão não deveria ser transferido para um lugar que mais lhe conviesse. Encontrar cada Irmão lhe permitia ajudar a conseguir melhores resultados nos esforços e também entrever alguma mudança em que o Irmão pudesse ser aproveitado melhor. Se a transferência não fosse possível, Basílio podia ajudar o Irmão a se conhecer melhor e assim obter melhores resultados. De maneira mais particular, podia debruçar-se sobre o trabalho do Irmão Superior e ver como melhorar a tarefa da comunidade.

Basílio demonstrou que era verdadeiramente dotado para esse contato de pessoa a pessoa. Era característica que tinha praticado largamente quando se encontrava no Movimento por um Mundo Melhor, como também na direção dos Irmãos, quando responsável pelo Segundo Noviciado.

O certo é que, no início de seu primeiro mandato, começou o estudo de cada Irmão. Embora isso fosse trabalho grande demais, não espantava a habilidade de Basílio, mas ele não dispunha do tempo exigido para isso. Apesar de não concluir essa tarefa, muitos Irmãos tiraram proveito dela. Basílio fez muitas vezes alusão a essa atividade, mas admitia que o tempo lhe faltava para concluí-la. O uso que muitos Irmãos fizeram desse longo estudo prova bem o que Basílio poderia ter feito, se dispusesse de mais tempo. Apesar disso, é necessário reconhecer que, no contexto do Segundo Noviciado, muitos Irmãos puderam aproveitar de um estudo mais detalhado de sua vida, ao passar mais tempo com Basílio.

Sem dúvida nenhuma, era rápido em perceber o que pudesse ajudar um jovem Irmão, como também saber se ele devia ou não ficar Irmão. Recordo-me, não do caso de um jovem religioso, mas o de um Irmão maduro, que decidiu sair para casar. Os membros da Sagrada Congregação observaram que nunca se lhes

tinha submetido um dossiê tão cuidadoso na análise do caso. Constituía um privilégio colaborar com Basílio em todas essas circunstâncias.

Esse trabalho com cada Irmão era muito apreciado por outros Superiores-Gerais, que assistiam às reuniões em que comparecia esse homem extraordinário. Entre os que admiravam seu trabalho estavam o Padre Arrupe, S.J., o Superior-Geral dos Padres Maristas, e o Superior-Geral dos Salesianos – para citar apenas alguns. Jovem como era, pedia-se-lhe que falasse a esses homens cultos – e saía-se muito bem. Além dos pedidos vindos das congregações masculinas, muitas congregações femininas procuravam sua ajuda – sobretudo na América Latina. Devido a isso, era muito estimado por vários Núncios Apostólicos. (*Irmão Quentin Duffy, Testemunho de 26 de fevereiro de 2003.*)

2. O que será a renovação

Quando Basílio chega à conclusão de sua longa circular de *2 de janeiro de 1968*, aquela que quer ajudar o Capítulo Especial, o Capítulo de Renovação, depois de ter estudado e apresentado os documentos do Concílio, depois de ter escutado os apelos do mundo, da Igreja e do Fundador, ele diz: «Avançamos para formas de vida

- menos legalistas,
- apostolicamente mais ousadas,
- mais inseridas numa socialização profissional em crescimento,
- com formas mais independentes e mais livres exteriormente».

A renovação vai tocar a arte do governo, a vida comunitária, o estilo da oração, a qualidade do apostolado, pela descoberta das origens, adaptação ao mundo de hoje e assimilação dos textos do Concílio. Para isso, é mister criar um novo espírito, e novas Constituições são necessárias. O espírito e as Constituições devem ser mais evangélicos, levando os sinais das bem-aventuranças e os frutos do Espírito. Mas também mais maturidade, iniciativa, liberdade e responsabilidade pessoal. Uma das convicções-guia para Basílio é a seguinte: «Se a renovação não começar pela oração, será apenas fogo de palha». (Circ. *Entretenimento sobre a Oração*, p. 521.) É a mesma idéia que encontramos algumas páginas mais adiante: «A renovação se tornará realidade quando nos referirmos a duas fontes: O Evangelho e as origens do Instituto» (Circ. *Entretenimento sobre a Oração*, p. 539.)

Todo esse trabalho é feito como fruto da obediência à Igreja, mas também como compreensão da urgência de um mundo que evolui muito rapidamente e precisa de apóstolos para suas necessidades, segundo o contexto histórico e cultural que se cria.

As páginas da circular *2 de janeiro de 1968*: esse demorado olhar de nosso Superior-Geral sobre o mundo e suas necessidades, sobre a Igreja e seus apelos, sobre o Fundador e a realidade das origens, estão repletas dessas intuições que orientam para a renovação. É significativo o título da circular, por insólito que seja, visto que nenhuma circular teve por título uma data, mas esta é de nossa a fundação. A escolha é motivada porque temos justamente de refundar a Congregação.⁴²

3. Sobre a renovação

«Meus caríssimos Irmãos, o primeiro passo a dar para que nosso Instituto adquira seu ar pós-conciliar, deve dar-se nas casas de formação... A realidade definitiva da aplicação do Concílio virá da preparação das novas gerações, segundo o espírito e as grandes linhas do Vaticano II... Uma coisa me parece clara: não haverá renovação nem adaptação ou, melhor dizendo, nada de renovação adaptada, se não se revisar e organizar, à luz do Concílio, os problemas das pessoas e dos fatores que contribuem para a formação...

O primeiro ponto de uma formação são os formadores. Devo dizer, da maneira mais séria, a todos os Irmãos Provinciais e a seus Conselhos que não hesitem em colocar à frente das casas de formação os melhores homens da Província, e depois, para completar a equipe, os Irmãos mais promissores. Ao fazer-se a escolha desses homens já se fixa a fase primeira e fundamental da Província...

O diretor de uma casa de formação deve ser homem que realiza a formação e organiza as casas de formação à luz das orientações do Concílio. É necessário que ele seja não apenas permeável, mas que tenha conhecimento amoroso do Concílio. Mais do que um erudito, é necessário que seja homem animado do espírito que sempre esteve presente no Concílio e que palpita nas páginas dos documentos conciliares.

⁴² Ver: *Projeto Comunitário*, cap. 6: Da antiga comunidade para a nova, e também o cap. 1.º: Os Irmãos Maristas na corrente da renovação.

A formação não é outra coisa do que a consequência da capacidade genética do homem, de seu apetite de gerar e de fazer crescer a vida. O que é verdadeiro na ordem biológica o é também na ordem da transmissão dos níveis da vida humana. Essa transmissão é sempre acompanhada de bondade, de força e de amor, ou mesmo, mais exatamente, em conjunção extraordinária com essas virtudes. Uma geração de verdadeiros pais resolve, pelo fato mesmo, bom número de problemas da juventude. Perante uma geração que despreza seus antepassados, pode-se perguntar se a causa não está em ter ela vivido como órfã desde o nascimento.

Na formação, todos os acontecimentos do dia estão marcados por essa relação genético-educativa, que vai do esporte até a relação mais bela e profunda que é a direção espiritual: relação que, em clima de amizade, de bondade e de amor, leva sempre a crescer, afirmar-se, bastar-se, atingir a idade adulta e conquistar a verdadeira liberdade». (Cf. *Meditação em voz alta*, p. 363, 391, 396, ...*Conferência de encerramento da Conferência Geral de 1971*, pp. 452-453. *Circulares*, volume XXV.)⁴³

4. Para qual renovação?

Acredito que o primeiro resultado a atingir (do Capítulo Geral de Renovação) é uma presença institucional viva no seio da Igreja e em face ao mundo. A instituição e seus membros devem mostrar um gênero de vida puramente evangélico, jovem, livre, vivido alegremente. Essa presença deve ser para o mundo sinal de mistério e de amor que leva as pessoas a se interrogarem sobre o sentido desse fenômeno raro e belo. Ela deve ser para os cristãos um encorajamento em sua peregrinação para o Pai, em meio às suas dificuldades e tentações, porque ela lhes mostra pelos fatos que o Evangelho não é utopia rentável. Mas para que essa presença seja, para o cristão, ainda mais convincente é necessário saber partilhar suas angústias e viver com entusiasmo a realidade do mistério pascal. É a juventude, vivendo muito especialmente essa santa e nobre insatisfação, que deve achar nos religiosos o modelo atraente desse algo que vale a pena do sacrifício de uma existência e de um compromisso definitivo. Mas para que esse fenômeno possa tornar-se realidade, certas características devem encontrar-se nos novos apóstolos, que serão testemunhas disso. É necessário:

⁴³ No *Apelo à Renovação*, A formação do religioso Marista, 8, apresenta os princípios do formador cristão, pp. 15-16. (Província Norte, Espanha, maio de 1973)

- que saibam buscar e achar na vida comunitária sua satisfação e seu pleno desabrochamento – não na busca de si mesmos, mas na do Reino de Deus e da felicidade dos outros;
 - que apresentem o espírito das bem-aventuranças tão oposto à hierarquia dos valores humanos;
 - que tornem visíveis os frutos do Espírito, que demonstram a fecundidade do Cristianismo no mundo.
- O mundo necessita de pessoas que amam, que estejam libertas e disponíveis. (Circ. 2 de janeiro de 1968, pp. 641-642.)

5. Os apelos do mundo

Aquilo que quero dizer é que o fundo da mensagem (da circular) não é ascese,... mas, caridade. É a mensagem de um cristianismo dinâmico, audacioso, criativo, capaz de tornar nossos Capitulares e todos os Irmãos mais receptivos aos apelos do mundo e da Igreja conciliar, e mais dóceis em sua resposta...

O perigo que nos ameaça é este: nós somos apaixonados pela discussão de questões, que ousaria chamar de domésticas, vamos nos esgotar e empregar meses do Capítulo para resolver detalhes de regulamento ou de vestuário, e parlamentar sobre concessões,... esquecendo de refletir seriamente sobre o que fazemos e devemos fazer para que toda a Congregação se comprometa a fundo neste momento histórico exultante, que é o nosso, em que vibram os apelos urgentes e angustiantes.

O nome desses apelos hoje é, com efeito: Vontade de Deus...

Esse feliz elã que impele todos os Capitulares a querer dar à vida comunitária toda a profundidade e a efervescência de seiva que se manifesta e que existe no coração dos Irmãos em estado de voto, de desejo e de esperança, é necessário que não se limite ao «*quam bonum et quam jucundum habitare fratres in unum*».

Não, o amor de Cristo nos compele a não nos fecharmos no gozo de uma vida comunitária, por mais doce e agradável que seja, mas a fazer deste entusiasmo inicial de nosso Capítulo o ponto de partida para uma abertura ao drama do mundo que nos cerca.

A ascese, o diálogo com Deus, a vida fraterna, são três grandes forças que impelem à oração e ao zelo autênticos, desenvolvendo o amor, porque o amor, quando verdadeiro, sofre por não ser eficaz, perante as necessidades dos que amamos. (Circ. 2 de janeiro de 1968: *Um Capítulo para o mundo de hoje*, pp. 161-164.)

6. Estar presentes nas encruzilhadas do mundo e do tempo.

Tornar-se ilha no meio das correntes modernas ou encerrar-nos em muros de escola, para dedicar-nos a uma tarefa exclusiva, não é solução adequada. Sem deixar de lado o que nos é próprio, devemos esforçar-nos para viver em contato permanente e imediato com os centros do pensamento social, com os organismos estabelecidos para o desenvolvimento dos povos, com as instituições de Pedagogia, de Catequese e de Pastoral, com os apóstolos do mundo social, com os centros de formação dos militantes, com os grupos de líderes, e, sobretudo, aproveitar ao máximo as pesquisas, os planos e os documentos já existentes. Enfim, trata-se de estar presentes e ativos nas encruzilhadas de nosso mundo e de nosso tempo... Visto que temos um trabalho imenso a realizar em nossa missão específica e exclusiva de educadores, a fórmula estreita de escola ou de colégio tradicionais se encontra ultrapassada e exige profundas transformações, talvez, o emprego de meios estranhos a esse trabalho. Não há motivo de nos espantar, se os meios que permaneciam bons até os últimos tempos e que, nas mãos dos Irmãos de outrora foram muito eficazes e produziram frutos maravilhosos, devem, hoje, ser submetidos a séria revisão e a profundas modificações...

Essa revisão, evidentemente, não coloca em causa nem a existência nem, menos ainda, o valor propriamente dito das instituições educativas livres e católicas. O Concílio falou disso de maneira clara... Que contra-senso não seria, então, quando justamente, temos uma afirmação oficial do Concílio sobre a atualidade e o grande valor da escola católica, suggestionar-nos a ponto de entrar em crise, a respeito da autenticidade de nossa missão...

Uma coisa é certa: a escola deve ser nossa primeira atividade, mas parece também que não deve ser o único trabalho dos Irmãos e não convém que seja. (*Circ. 2 de janeiro de 1968: Os apelos da Igreja e de nosso Fundador ao Capítulo, pp. 354-357, 1.º de novembro de 1968.*)

7. A forma pós-conciliar da vida marista

Um retrospecto sobre o Capítulo Geral nos mostra o que fizemos e como o fizemos. O que fizemos, o fizemos bem, e até muito bem... Ao observar como o fizemos, acredito que, perante um Capítulo Geral que nos chama a uma mudança de importância mais ou menos considerável, os Irmãos se situam num ponto X numa escala que vai, depois da resistência e da precaução, até à convicção profunda de que é necessário mudar, mesmo com audácia. Parece-me

que minha posição no momento do Capítulo era «mediana», dominada mais pela precaução. Devo dizer hoje que cada dia vejo com maior clareza de que maneira a mudança se impõe, mas mudança que dê resposta dinâmica ao Evangelho, ao carisma e à história, e pressinto que jamais atrairemos a juventude com atitudes conservadoras e fórmulas de prevenção. Sinto crescer em mim, com força irresistível e espontânea, a decisão de apoiar, nos limites de minha autoridade e no plano da colegialidade, o aproveitamento leal, o desenvolvimento e a realização da forma pós-conciliar e pós-capitular da vida marista.

Aguardo de vocês também, Provinciais, que saibam, nos momentos de oração, perscrutar o Espírito para perceber seus impulsos... O importante é que o sopro venha do Espírito e que saibamos descobri-lo em tempo. Permito-me voltar sobre este ponto, porque no dia em que a Vida Religiosa renunciar a viver do Espírito, para nutrir-se somente de um «texto que se repete», terá renunciado não apenas à substância cristã, que é o caminho vivido na santa liberdade dos filhos de Deus, mas também a seu caráter próprio no seio do povo de Deus, isto é, à sua natureza carismática. (*Meditação em voz alta, pp.348-349, 353.*)

8. A problemática mais séria: os clamores do mundo

Assim, pois, esta quarta parte (da circular), quer ser vigorosa badalada, apelando para nossa generosidade capitular a ultrapassar o nível honesto de um Capítulo ordinário e atingir, graças à envergadura dos pontos de vista, os resultados de um Capítulo realmente extraordinário, de um auto-exame, não apenas de ordem interna, mas estendido às questões exteriores, isto é, enfrentando a mais séria problemática e a mais grave que se põe à missão histórica de nossa geração e da Igreja no mundo hodierno, problemática e missão a que nosso coração não pode ficar alheio nem nosso agir ausente sem pecar gravemente contra a caridade e sem espantar profundamente e até escandalizar os homens de boa-vontade.

Em nossa condição, falar em testemunho de vida sem que inclua também testemunho de ação, é evadir-se da realidade... Recordamo-nos da reação de nosso Fundador, quando lhe disseram que certo Irmão deixara partir um pobre sem o socorrer. Com que ansiedade desejaria ele, hoje, perante o apelo do Concílio e as profundas necessidades do tempo, que este pobre coletivo do 20.º século, que se apresenta nas portas de nosso Instituto, não apenas receba o que realmente podemos dar-lhe institucionalmente, mas possa descobrir a fonte

profunda de onde provém: sim, que nosso dom lhe revele um amor verdadeiro de nossa parte; que nesse amor ele adivinhe a autenticidade do dom que fizemos de nós mesmos; e que esse dom de nós mesmos o introduza ao conhecimento da própria morte do Cristo, de quem somos os pés e as mãos, votados ao serviço dos seres humanos. (*Circ. 2 de janeiro de 1968: Um Capítulo para o mundo de hoje, pp. 166-167.*)

9. Ser homens de nosso tempo

É com imenso respeito à pessoa dos que educamos e com a única convicção de que, por nosso trabalho, os colocamos no bom caminho da verdade, do bem e do desenvolvimento dos valores autênticos, orientando-os para Cristo, Caminho para o Pai, Sacramento do Pai e verdadeiro realizador da vida, é, repito-o, somente nessa convicção que os convido a tomar novamente consciência do que somos e do que fazemos. Não quero, em absoluto, provocar uma crise de identidade institucional, mas antes, numa nova iluminação, reafirmar nossa ação e procurar torná-la mais ampla, mais profunda, mais generosa. É numa óptica de confiança que, sem receio, solicito ao Capítulo uma séria revisão perante o mundo de hoje...

Devemos ser homens de nosso tempo e para o nosso tempo; sensibilizar vivamente a consciência de nosso momento histórico; permanecer no diálogo e na comunhão que a Igreja estabelece com o mundo e particularmente estar à escuta para descobrir os sinais de nosso tempo...

Somente com a condição de nos compenetrarmos intimamente do espírito do Senhor e do espírito evangélico é que poderemos nos adaptar aos sinais dos tempos e dar as respostas adequadas. (*Circ. 2 de janeiro de 1968: Um Capítulo para o mundo de hoje, pp. 280-283.*)

10. Uma reforma se faz vivendo-a

Nós nos encontramos abaixo do nível máximo, considerado pelo Concílio, no qual a caridade vivida em comum possa tornar-se fecunda. Entre o ideal e a realidade – e isso não se refere somente a nós – há grande distância. Problema de generosidade, mas também de circunstâncias. A vida moderna complicou, especializou e exteriorizou a existência de tal forma que os cristãos, e portanto os religiosos, estão presos em enorme rede de condicionamentos, de relações e

de interdependências, e o verdadeiro encontro humano, profundo e fecundo, se rarefaz. Com efeito, reduzimos os tempos e as ocasiões de contato; encontramos sucedâneos superficiais e sem autenticidade, acrescentamos tarefas e ocupações, às vezes, bem pesadas, que nada têm a ver com a vida da comunidade.

Não insistamos e acrescentemos simplesmente que é indispensável premunir-se contra um erro muito comum, que consiste em crer que as coisas se arranjam e se reformam à força de palavras e de escritos. Uma reforma somente se faz vivendo-a, nunca antes de vivê-la; todo o resto é lirismo. Evidência curiosa: há questões cuja realização prática é inversamente proporcional à preocupação que se tem com elas: à medida que se multiplicam as publicações, as conferências, as mesas-redondas, os congressos, etc., sobre a teoria, a prática diminui. Há para certas pessoas e mesmo para muitas, talvez, ilusão compensatória ou evasão. Falar do assunto lhes proporciona boa consciência. (Circ. *A Vida comunitária*, pp. 201-202.)

11. Mudança inevitável, mas que mudança?

Podemos assistir a uma transformação da Vida Religiosa, não no essencial, mas no acidental; não em seu aspecto evangélico, mas em seu aspecto cultural. Assistimos ao despojamento de suas formas precedentes e à sua «formulação» nova. É por isso que me pareceu que a expressão «*missão*» era incompleta e que deveria ser completada por aquela de «parto». Esta noção faz referência ao dinamismo dos carismas institucionais e à fecundidade interna da Vida Religiosa. Acho-a muito expressiva, sobretudo porque ela nos apresenta um dilema: quando a mulher está para dar à luz, ou ela dá à luz uma criança ou então morre. E a Vida Religiosa de hoje, acredito, ou ela gera sua forma nova, ou ela morre. Não seria incoerente aplicar aqui à Vida Religiosa o que um bispo dizia, há muito tempo, a um grupo de conservadores: «Vocês conhecem pouco o processo histórico. Não temos escolha entre a mudança e a não-mudança, mas antes entre mudança com significado cristão e mudança com significado não cristão. Vocês estão em erro porque não querem mudar. É isso que não é cristão!».

Na Vida Religiosa, o problema se apresenta da maneira seguinte: nós, superiores, ou sabemos nos servir de nossa situação e de nossas funções para que a mudança se faça na mais pura fidelidade ao Evangelho e ao Fundador, ou

aceitamos o risco que a mudança, hoje inevitável, encontre um caminho que nos afaste do Evangelho e do Fundador. Neste último caso é a morte em pouco tempo. (*Meditação em voz alta, pp. 346-347. Julho de 1971.*)

12. Que espírito nos conduz?

Mas ainda mais grave, talvez, é a perda de certa qualidade espiritual. O que se tornou a vida de oração na Vida Religiosa? Primeiro como verdade interior e depois como «exercícios de piedade» introduzindo verdadeiramente a um diálogo com Deus...

Nossa vida consagrada desempenha o papel de fermento no mundo, ou, pelo contrário, deixou-se mundanizar? A densidade evangélica que a consagração comportava, não se evaporou?

O que é feito do mistério da cruz em nossa vida? Enquanto encontra lugar central, por exemplo, na teologia do protestante Moltmann, não é ele relegado a um lugar muito secundário na vida prática de muitos religiosos católicos?...

Será que tentamos «evangelizar» nosso uso dos bens, nossa maneira de administrá-los? Nossa concepção da lei, das instituições, das estruturas, tornou-se mais verdadeira ou somente mais tagarela?...

Qual a qualidade de nossas relações com o mundo de hoje? Temos sido muito adolescentes em relação aos institutos seculares, nesse domínio, durante certo período. Eles foram habituados a trabalhar como fermento no seio da secularização...

Quais são nossas relações perante o ecumenismo, perante os outros credos? Pode-se muito bem, por exemplo, apreciar cada vez mais os valores do Islamismo e, ao mesmo tempo, tornar-se cada vez mais discípulo do Cristo. Pode-se, pelo contrário, estabelecer contatos tão superficiais que fazem evaporar o sentido cristão... Aliás, a verdadeira questão é: Que espírito te conduziu? Nos conduziu? continua a nos conduzir? (*Circ. Projeto de Vida Comunitária, pp. 13-16.*)

13. Evangelizar a comunidade

E o que há por fazer? Em primeiro lugar, abrir a comunidade ao amor do Pai, no Cristo, não vivendo apenas à base de virtudes morais, mas profundamente da Palavra de Deus e da vida de Jesus, sob o sopro do Espírito. Em outros termos, devolver à Vida Religiosa e a cada um de seus elementos essenciais a densidade

evangélica que teve no Fundador e nas origens, antes mesmo de ela se cristalizar numa tradição...

É necessária nova regularidade, que não será menos exigente, porém mais dinâmica do que a de outrora. Recordemos o que São Paulo diz aos Gálatas (5,3) que não querem compreender a lei da liberdade: «Atesto a todo homem que se faz circuncidar que está obrigado a praticar a lei integralmente». Transpondo: «Se não quiserem ir adiante, entrando seriamente no que será o projeto comunitário, então, retomem a estrita observância da Regra de outrora». Por mais lastimável que seja, o movimento integrista tem pelo menos uma notável coragem no retorno à ascese e à disciplina de antanho. Não será a lastimável tibieza, que não se compromete com nada, que lhe poderemos opor, mas um fervor completamente novo; tampouco gente que diz: «Deus não exige tanto», mas gente que sabe que Deus pede tudo, a cada nova época.

Com pessoas dessa têmpera, sim, poder-se-á visar a uma metamorfose das comunidades. Não se realizará num dia. Entraremos nisso como pioneiros, com audácia e paciência. (*Circ. Projeto de Vida Comunitária, pp. 25-27.*)

14. Uma vontade integral de evangelização

Prosseguir o que já foi iniciado, encher as lacunas mais importantes, eis, portanto, o que nos é pedido e que será matéria de nossa conversão ao Evangelho, porque se trata realmente de acordar para uma vontade integral de evangelização.

O mundo nos escapa das mãos – não a nós, com certeza, o que importaria isso! – mas à Igreja. O mundo se descristianiza, isto é, não tem mais Cristo como referência, ignora-o, não o invoca mais, não vive mais de sua vida.

É possível que o futuro da Igreja esteja numa diáspora de pequenas comunidades de fé, afogadas num mundo secularizado e ateu, e que seja necessário passar por esse deserto ou inverno. Isso, porém, não é consolação muito fácil que nos inventaram os teólogos ou os sociólogos...

Isso nos deveria sensibilizar na dupla dimensão da evangelização: não ler o Evangelho de maneira etérea, fazendo abstração de sua dimensão social, mas não reduzi-lo a um manifesto de justiça social e de apelo à revolução, quando uma glaciação espiritual já entorpece toda uma parte do planeta, onde a fé se extingue.

Nossa Congregação, não esqueçamos, foi fundada para evangelizar, catequizar um mundo que se havia parcialmente secularizado numa onda de deísmo ou no ateísmo sob os assaltos da Enciclopédia e dos filósofos, depois das leis revolucionárias... Houve um desmoronamento dos valores religiosos e dos homens religiosos, que precedeu a Revolução e lhe permitiu colher furtos já maduros. Sem dúvida, uma resistência viria em seguida, mas muito tarde, e se deveria ver, a posteriori, o que se poderia ter evitado. (Circ. *Projeto de Vida Comunitária*, pp. 30-32.)

15. A assinatura nas Constituições

O Capítulo Geral de 1985 teve, entre os objetivos mais importantes, a elaboração e a aprovação das Constituições e dos Estatutos. O Irmão Basílio e eu trabalhamos no capítulo 2: A Consagração. Lembro-me de duas intervenções significativas do Irmão Basílio nos trabalhos da comissão. Elas denotavam sua visão do futuro e da novidade da Vida Religiosa, como também sua profunda sensibilidade humana.

Ele dizia que o Instituto ainda não estava pronto para *a obediência da comunidade*, e que o artigo 43 das Constituições continuaria a ser um desafio. Uma coisa era a obediência da pessoa, e outra, aquela da comunidade. As comunidades, as Províncias e o Instituto deveriam tender a isso e educar-se para ela. Essa busca é difícil, porque a obediência da comunidade, na busca e na realização da vontade de Deus, exige discernimento, espírito de fé, escuta da Palavra, fidelidade ao carisma do Instituto, interpretação adequada dos sinais dos tempos, contemplação e renúncia aos interesses das pessoas e dos grupos.

Mas o que mais atraiu a atenção dos membros da comissão foi o fato seguinte. Quando esse capítulo 2 das Constituições estava praticamente acabado, houve Irmãos que tiveram a audácia de dizer que o conteúdo desse capítulo era para os santos, para os perfeitos e não para homens imperfeitos, peregrinos a caminho da santidade. Ao capítulo faltava certo realismo da vida dos homens, que têm seus limites, suas fraquezas e também sucumbem às tentações. Dito na comissão, isso não teve muita repercussão, exceto para Basílio.

Alguns dias depois, em nova reunião da comissão, o Irmão Basílio apresentou a proposição de que um artigo suplementar fosse acrescentado ao capítulo. Depois de discutido, emendado e aprovado, foi posto no fim do capítulo, com

um título diferente dos demais artigos, como se pode verificar.⁴⁴ Tratava-se do coroamento de todo o capítulo e de respostas às preocupações manifestadas. O artigo reconhece os recuos, as hesitações, a dúvida, a tibieza, a secura do coração, os desvios à procura de falsas consolações próprias da natureza humana. Diz também como superá-las para sair vencedores. O Instituto deve esse artigo à sensibilidade do Ir. Basílio, grande conhecedor da alma humana. *(Depoimento do Irmão Roque Ari Salet, feito em Roma, 24 de abril de 2002.)*

16. Basílio, homen de seu tempo?

Diria que era homem de seu tempo, extraordinário. Conhecia melhor do que ninguém os sinais do tempo. Foi colaborador do Padre Lombardi no Movimento por um Mundo Melhor. Nesse trabalho dedicou muito de suas energias no Chile, onde se fez muitos amigos, pregou retiros e deu cursos a diversos grupos de bispos. Seu coração, aberto às necessidades do mundo, fazia com que suas preocupações o levassem muito além das fronteiras da Congregação.

Tinha uma visão do mundo muito mais ampla do que o comum dos mortais. Em todos os países, queria entrar em contato com as mais altas autoridades do governo, para poder falar com mais propriedade aos Irmãos sobre as realidades sociopolíticas do país em que oferecia sua colaboração apostólica. Gostava também de manter contato com pessoas importantes, conhecedoras da situação da Igreja e da Vida Religiosa. No Brasil, não deixava de visitar a diretoria da CRB⁴⁵ e da CNBB.⁴⁶ Nas cidades em que dirigia os retiros, sempre visitava as autoridades eclesiais. Lembro-me de que, enquanto ele dava cursos para a Formação dos Superiores e retiros no Rio Grande do Sul, fomos com ele e um bom número de Irmãos visitar o Cardeal Dom Vicente Scherer. Em São Paulo, o acompanhamos na visita ao Cardeal Dom Evaristo Arns.

Sim, era homem com os pés bem-plantados no hoje, mas o coração escrutinava o futuro, para «ajudar a aurora a nascer», como dizia um de seus leitmotivs. *(Irmão Cláudio Girardi, depoimento de 18 de dezembro de 2002.)*

⁴⁴ Trata-se do artigo 46 das Constituições.

⁴⁵ Conferência dos Religiosos do Brasil.

⁴⁶ Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

17. A cruz de Basílio

É difícil dizer. Para mim, uma das cruzes que o Irmão Basílio encontrou foi *a falta de sinceridade* e mesmo *a mentira* da parte de certas pessoas. Recordo-me que, quando pregou o retiro sobre a meditação na Província em que eu era Provincial, havia um diretor que se enamorara de uma secretária. O Irmão Basílio tinha-se colocado de acordo com ele para que deixasse o cargo de diretor e fosse a Roma; seguiria diversos cursos e retiros para possibilitar que sua vocação em perigo amadurecesse. No fim do retiro, o Irmão Basílio me chamou e pediu-me fosse ter com o Irmão para resolver a situação e nomear outro diretor. Mas o Irmão afirmou: «Asseguro-lhe que o Superior-Geral não me compreendeu. Nunca fiz as coisas de que me acusam!».

Regressei de ônibus, fazendo um percurso de 800km. Comuniquei ao Irmão Basílio o resultado de minha viagem. Nunca vi o Irmão Basílio tão triste como naquela ocasião. Depois de um silêncio – e então seu rosto deixava transparecer grande tristeza – disse-me: «Que lástima, aquele homem está mentindo, e perante a mentira não se pode fazer nada».

Esse diretor, no mesmo ano, deixou a Congregação e casou-se com a secretária. Outra cruz do Irmão Basílio foram as defecções de muitos Irmãos por motivos fúteis. Ele próprio ajudava a saída dos que não tinham vocação. Homem que amava profundamente o Instituto e tudo fizera para conduzir os Irmãos a uma grande Fidelidade, devia sofrer profundamente com a diminuição sentida, sobretudo, pelas saídas. Não duvido de que, como Champagnat, sofresse pela saída de cada Irmão..

Essas defecções pesam sobre o coração de um Provincial... Durante vários anos houve saídas cujo total correspondia a uma Província. É doloroso. Você pode imaginar como isso deveria repercutir no coração de um Superior-Geral tão sensível, tão delicado e generoso como o do Irmão Basílio. (*Irmão Cláudio Girardi, depoimento de 18-12-2002.*)

2

BASÍLIO, O IRMÃO.

Esse título orienta o olhar para Basílio como *irmão*, no sentido mais humano do termo, como uma realidade de família e não como título religioso. Entretanto sua maneira de viver restitui ao título religioso seu conteúdo mais verdadeiro, seu sentido ideal.

Sua fraternidade, sob a inspiração da fé, é *amizade muito humana*: ela é presença, escuta, respeito, promoção, verdade, retidão, simplicidade, fidelidade, alegria. Tinha o dom do encontro e da amizade. Esse aspecto de sua pessoa impressionou muito os que trabalharam com ele. São numerosos os depoimentos. O livro *El Estilo de uma Vida*, da página 10 à página 28, reagrupa os testemunhos sob títulos significativos: *coração magnânimo; homem de apoio incondicional; bondade pródiga; simpatia transbordante*. Ao percorrer essas páginas obtém-se uma colheita de termos que expressam a *humanidade* de Basílio: cordialidade, atenção, alegria, amor, delicadeza, compreensão, reconforto, senso de afeição, simpatia, franqueza, abnegação, simplicidade, serviço, ajuda, impressão de ser valorizado, preocupação maternal, proximidade, afabilidade, humanidade, sinceridade, amabilidade, liberdade, humor, capacidade de acolhida, franqueza, modéstia... Estamos perante uma pessoa possuidora de coração excepcionalmente rico.

Foi uma das razões de sua eleição como Superior-Geral. Testemunhas de 1967 no-lo dizem. Os Irmãos da América Latina e os da Espanha, que puderam conhecê-lo antes da eleição de 1967, o tinham em elevada estima. Ao apresentar Basílio como líder, exploramos bastante a revista *Norte Marista*, de outubro-novembro de 1967. O depoimento de seus amigos mais próximos nos recordaram sua humanidade.

O antigo Secretário-Geral, Irmão Joannès Eugène⁴⁷, é pródigo em elogios: “O Irmão Basílio Rueda distinguiu-se, desde o início do Capítulo, por um conjunto de qualidades que atraíram a atenção de todos os Capitulares: simplicidade nobre, afabilidade cordial,

⁴⁷ O Irmão Joannès Eugène Minot foi Secretário do tempo do Ir. Charles Raphaël, 1958-1967.

*perfeito autodomínio... Tudo isso supõe grande espírito sobrenatural, que somente se consegue por uma vida de oração intensa e na meditação assídua do Evangelho”.*⁴⁸

Essas poucas linhas nos introduzem no universo do coração de Basílio que podemos explorar mais ainda.

1. Ele tinha o dom da amizade

Muitos reconhecem, em tons múltiplos e calorosos, que *a amizade fazia parte da natureza de Basílio*: por princípio, era amigo; suas relações com os demais partiam desse estado de alma. Ele próprio nos esclarece sobre a interioridade de sua natureza quando escreve: «A mola das molas da vida comunitária é o amor verdadeiro e a capacidade de gerar amizade, de ir balizando com amigos o caminho da vida».⁴⁹ Muitos extratos de circulares, referidos no livro *Basílio Rueda, outro Champagnat*, deixam transparecer no título essa natureza generosa. Aqui vão alguns deles: *Ler no código do amor.*⁵⁰ *A Vida Religiosa se vive na etapa da generosidade e da magnanimidade.*⁵¹ *Aprendemos o amor na escola de Deus.*⁵² *Deixar que os olhos traduzam a simpatia.*⁵³ E todas as cartas que asseguram a amizade e expressam a ternura.

Um ano antes do fim de sua vida, em Loma Bonita, festeja-se seu jubileu de ouro. O Irmão que profere o discurso de felicitações ressalta: «Há duas coisas que não podemos ignorar: tua paixão por aquilo que é Marista, e *o aspecto humano* de tua linguagem e de tuas ações... Nós, que te conhecemos, sabemos que julgas com prudência, pedes o que é possível, simpatizas com o que é reto e *prodigaliza* tua amizade a todo o mundo...».⁵⁴ Os noviços, que vivem com ele, o recordam em termos semelhantes: «*Um Irmão entre os Irmãos*; soube trazer a alegria e o bom espírito, sempre se esforçou para nos fazer viver em ambiência de família... Um Irmão atento às necessidades dos outros, que não media esforços quando se tratava de nosso bem... Um Irmão, cuja característica de simplicidade tem-se prazer de evocar... Basílio era nosso Irmão, *era Irmão de relacionamento caloroso.*

⁴⁸ *Orientaciones*, outubro de 1967, p. 521.

⁴⁹ *Circ. Vida Comunitária*, p. 176.

⁵⁰ *Basílio Rueda, outro Champagnat*, p. 23.

⁵¹ *Basílio Rueda, outro Champagnat*, p. 29.

⁵² *Basílio Rueda, outro Champagnat*, p. 65.

⁵³ *Basílio Rueda, outro Champagnat*, p. 81.

⁵⁴ *Queimar a Vida*, p. 285.

Todas as vezes que se entrava em contato com ele fazia-se a experiência de sua atenção amável e sempre disponível». ⁵⁵ Os discursos feitos por ocasião das cerimônias fúnebres voltam também sobre essa simpatia espontânea que emanava de Basílio. O Irmão Charles Howard recorda: «Nossos documentos falam do Superior como de ‘um Irmão entre os Irmãos’, e o Irmão Basílio foi exemplo disso para todo o Instituto. *Seu amor aos Irmãos e seu relacionamento com eles tornaram-se legendários*, foram fonte de bênção para muitos». ⁵⁶ Seu médico particular, o Dr. Calleja, partilha este parecer: «No plano humano era pessoa extraordinária que irradiava calor. *Era pessoa muito próxima, calorosa e muito afável...*». ⁵⁷ Seu amigo, depois seu Conselheiro-Geral, o Irmão Arturo Chávez de la Mora, o recorda assim: «Tinha grande delicadeza nas relações com os outros. Soube desenvolver rica sensibilidade, que o tornava cheio de solicitude pelas pessoas. Era amável, atento aos pormenores e de prestimosidade levada ao extremo. *Dispondo de um coração muito grande, soube ser ‘amigo universal’...Tinha a arte de conservar e cultivar a amizade*». ⁵⁸ O Irmão Jesús Bayo Mayor ⁵⁹ permanecerá 18 meses com o Irmão Basílio no Oásis ⁶⁰, por ocasião do Curso de Formadores, em 1990-91. Um dos traços que o caracterizam é sua «*facilidade nas relações humanas, sua grande simpatia, a capacidade de estabelecer contatos e amizades*. Era simples, espontâneo, próximo de todos, familiar, sem fingimento algum». ⁶¹ Em depoimento posterior, ⁶² confirma isso em outros termos: «O que admiro no Irmão Basílio é *a arte das entrevistas, sua doçura e compreensão*. Notava-se que era pai e pastor... Não foi por nada que, na vida, encontrou milhares de pessoas e escreveu milhares de cartas. *Era homem perito em relações humanas, grande conhecedor do coração humano*». ⁶³ Arnaldo Braguti, Irmão Comboniano, ⁶⁴ passou diversos meses no noviciado em que o Irmão Basílio era mestre de noviços; ⁶⁵ uniram-se por amizade profunda. Recorda-se do amigo como «*grande humanista, homem religioso capaz de viver e de santificar a realidade da criação, homem deliciosamente*

⁵⁵ (Um grupo de seus noviços, em *FMS-MENSAGEM*, n.º 19, p. 49)

⁵⁶ (Irmão Charles Howard, S.-G., *FMS-MENSAGEM*, n.º 19, pp. 24-26.)

⁵⁷ *O Estilo de uma Vida*, p. 136.

⁵⁸ *México Marista*, n.º 10, setembro-dezembro de 1996, p. 1.

⁵⁹ Irmão espanhol que Basílio enviou ao Chile. Emitiu votos perpétuos por ocasião do retiro pregado por Basílio.

⁶⁰ Nome da residência do Padre Rotondi, junto ao lago Albano, em face de Castelgandolfo, perto de Roma

⁶¹ *O Estilo de uma Vida*, p. 65.

⁶² Testemunho escrito em Roma em 7 de outubro de 2002.

⁶³ Testemunho de 7 de outubro de 2002, p. 2.

⁶⁴ Religioso da congregação fundada por São Daniel Comboni.

⁶⁵ Basílio seguia seu caso vocacional; *O Estilo de uma Vida*, p. 71.

positivo em relação à vida e às relações humanas. Com o Irmão Basílio podia-se passar da baixela à sala de concerto com a mesma impressão de fazer uma ação elegante e agradável». ⁶⁶ Um de seus noviços afirma: «Tinha o conselho, a palavra e mesmo o gesto apropriado para cada pessoa que ia ter com ele». ⁶⁷ Outro recorda como foi conquistado imediatamente: «Lembro-me da primeira entrevista com ele. *Foi como se nos unisse uma amizade espontânea.* Adivinhei que podia apoiar-me nele, que podia confiar-lhe o que tinha de mais precioso: a alma e o coração, *como se o tivesse conhecido sempre.* Com o decorrer do tempo, esses sentimentos se fortaleceram a ponto de lhe confiar os desejos e sentimentos mais profundos. Não sei se era seu sorriso ou o de Jesus refletido no seu, ou sua atitude cheia de afeto ⁶⁸ que cativaram minha confiança». Outro se fazia do Superior-Geral a idéia de alguém extraordinário e distante. Em Basílio, descobriu «*a pessoa amável e alegre, que gosta de brincadeiras e que é simples.*» ⁶⁹ O Irmão Cláudio Girardi, que viveu longos anos com o Irmão Basílio, como Provincial, depois como diretor do Colégio Internacional em Roma e, por fim como Conselheiro-Geral, não cansa de elogiá-lo: «*Basílio era mestre em humanidade.* Tratava a fundo todos os problemas humanos, fossem felizes ou dolorosos. Preocupava-se com tudo o que era humano. *Tinha um coração sem fronteiras.* Possuía conhecimento exato do campo afetivo. Sabia que a amizade admite graus. *Era de abordagem fácil e também facilmente tocava o coração das pessoas.* Não era, em absoluto, possessivo nem ciumento. Era amigo que se doava... que criava amizade extremamente respeitosa». ⁷⁰ De Madri, o Irmão Conrado Trascasa, Provincial do tempo de Basílio, depois seu homem de ligação na capital espanhola, nota que «*Basílio suscitava simpatia junto às pessoas que lidavam com ele.*» ⁷¹ Recordamos a opinião do Irmão Borromée Caron, do Canadá, sobre os superiores «inverno» e sobre Basílio, que lhe recordava o verão: «*Naquele dia encontrei em sua pessoa um homem simpático, feliz, alegre, comunicativo, fraterno... Basílio era o verão, a doçura, o amor, a simplicidade. Fazia-se tudo para todos.*» ⁷² Da Argentina, o Irmão Hilário Schwab o lembra, sobretudo, como Superior e

⁶⁶ *O Estilo de uma Vida*, p. 71.

⁶⁷ *O Estilo de uma Vida*, p. 78.

⁶⁸ *O Estilo de uma Vida*, p. 83.

⁶⁹ *O Estilo de uma Vida*, p. 85.

⁷⁰ Depoimento escrito em 18 de dezembro de 2002.

⁷¹ Depoimento de 24 de novembro de 2002.

⁷² Depoimento de 19 de novembro de 2002. O papel conservado é datado de 28 de junho de 1977 e leva uma bela assinatura de Basílio.

Pastor e como homem pobre. Ressalta «*seu comportamento caloroso e simpático e o interesse que devotava a cada Irmão, como a compreensão profunda e clara, humana e espiritual das dificuldades e desejos, e sua sabedoria que faziam dele um diretor espiritual de grande envergadura*». ⁷³ No livro *Queimar a Vida*, o capítulo sobre as *entrevistas* começa com este parágrafo: «O Irmão Basílio foi amigo e confidente de muitos Irmãos e pessoas estranhas ao Instituto. *Era capaz de suscitar confiança total desde o primeiro contato: sempre disposto a escutar e a aceitar a pessoa tal como era, quebrando as fronteiras de língua, raça, hierarquia, sem levar em conta méritos ou fraquezas. Tinha sempre palavras de encorajamento, de reconforto, de esperança*». ⁷⁴

Esses depoimentos deixam adivinhar a *fraternidade* de Basílio, rica de todas as componentes, que formam este laço sólido com os outros, que denominamos *amizade* e que é tanto mais verdadeira quanto mais é amor.

2. O amor⁷⁵

Muitas pessoas que se relacionaram com Basílio testemunham essa experiência. Não retomaremos os depoimentos dos Irmãos Seán Sammon, Aureliano Brambila, nem do Irmão Charlos Howard, já propostos no capítulo sobre o amor. Mas não faltam escolhas. Quatro dias antes de sua morte, a 17 de janeiro de 1996, o Irmão Bernardino⁷⁶ passa a noite com Basílio. Em seu testemunho escreve: «Muitas vezes nas noites em que me encontrava com ele, dizia-me: ‘Que faz você aqui? Vá descansar!’. Quando o deixo de manhã (a 18 de janeiro), para ir ao noviciado de Morélia, disse-me: ‘*Diga a todo os noviços que os amo muito, que os amo no coração de Maria e que sejam fiéis à sua vocação*’. *Depois me deu a bênção*». ⁷⁷ Um noviço confirma a veracidade dessa afeição: «O Irmão Basílio sabia amar a todos nós, como fazia Marcelino, apesar de diferentes como éramos, com nossos defeitos, com nossas idéias particulares; ele nos compreendia a todos, sem exceção; todos

⁷³ Depoimento de Natal de 2001.

⁷⁴ *Queimar a Vida*, p. 234.

⁷⁵ Um capítulo inteiro foi consagrado ao lugar do amor na vida de Basílio; ver o caderno 4. Aqui a insistência é posta sobre o amor humano, antes que no espiritual, embora este seja a alma do primeiro.

⁷⁶ Irmão da Província da Itália que passou um tempo com Basílio.

⁷⁷ *Queimar a Vida*, p. 301.

nos sentíamos amados por ele». ⁷⁸ Uma prova comovente desse amor nos é dada pelo Irmão Ermezindo, Ecônomo provincial de Portugal. Cometera uma imprudência financeira que lastimava vivamente: «Chamado de Roma, o Superior-Geral de então, o Irmão Basílio Rueda, tomou conhecimento do caso e falou com o Conselho Provincial. Depois, uma noite me chamou. Teve comigo longa entrevista. Mostrou-me com afeição e amabilidade a gravidade do caso, a falta e o erro, a desobediência cometida, *abraçou-me duas vezes, abraçou-me ainda, deu-me uma pequena penitência, abraçou-me de novo nas duas faces, consolou-me, encorajou-me e declarou-me que a riqueza da Congregação não residia no dinheiro, mas antes de tudo nos seus filhos, nos bons e santos religiosos*». ⁷⁹ No mundo espanhol, o Padre Manuel Portillo ⁸⁰ foi, sem dúvida, um dos seus mais próximos colaboradores. Juntos percorreram a Espanha e a América Latina para pregar retiros. Deixou um depoimento de várias páginas em que podemos ler: «Quando um Irmão lhe comunicava alguma falta, reconhecendo-a, ou tivesse causado prejuízo ao Instituto, ou causado perdas financeiras importantes, mas involuntárias... *o Irmão Basílio o acolhia sempre com cordialidade e serenidade. Era extremamente compreensivo, tinha grande intuição para penetrar e interpretar as manifestações, porque em seu coração havia muito amor...* O importante era a vida de cada Irmão. A economia, as estruturas, o tempo, ele próprio, estavam a serviço da vida e das pessoas». ⁸¹ Depois de residir muito tempo na Casa Geral, o Irmão Robert Tremblay recorda como eram os regressos das viagens: «De volta, tinha prazer em partilhar com os Irmãos da Casa Geral a riqueza das experiências que adquirira em suas visitas. *Amava todos os Irmãos de maneira concreta; cada um sentia-se amado, como se fosse o único no Instituto*». ⁸² «*Havia muito amor no seu coração!*», diz o Padre Portillo, e o Irmão Tremblay acrescenta que esse amor era *concreto*, feito de atenção, de respeito, de serviço, de apagamento de si.

⁷⁸ *O Estilo de uma Vida*, p. 84.

⁷⁹ Carta do Irmão Ermezindo Pires. Ele fará parte dos amigos íntimos de Basílio e trocará com ele numerosa correspondência.

⁸⁰ No início de fevereiro de 2003, o Padre Manuel Portillo passou duas semanas na Casa Geral. Confirmou-me de viva voz o longo depoimento que deixou em 1996, por ocasião da morte de Basílio.

⁸¹ *O Estilo de uma Vida*, p. 56.

⁸² *O Estilo de uma Vida*, p. 17.

3. Atenção às pessoas, respeito, serviços, ausência de egoísmo

Enquanto estas reflexões estavam ainda em andamento (15 de janeiro de 2003), o Padre Amador Menudo⁸³ acha-se em visita a Roma, e a conversa remonta às recordações de Basílio. Ele se recorda dos finais das viagens: comprava algumas lembranças para a família, e Basílio o imitava, dizendo que ele também tinha uma grande família, mas todas as lembranças destinavam-se aos empregados leigos da Casa Geral; tinha com eles *atenção* toda especial. Por ocasião de sua viagem à Terra Santa, em 1986, feita com o Padre Amador, pensou em trazer uma lembrancinha para cada pessoa que trabalhava na Casa Geral. Em outras viagens, o Padre Amador conseguiu dar uma olhada na maleta de Basílio: estava ordenada em duas partes: uma para os papéis, e a outra para um pouco de roupa e presentes. A quantidade de roupa era tão reduzida que o Padre lhe ofereceu várias vezes as próprias camisas, e ele as aceitava com toda a simplicidade, como um pobre – acrescenta o Padre.⁸⁴ Encontramos eco semelhante junto ao Irmão Roland Bourassa, Conselheiro-Geral do Irmão Basílio: «Seu amor para os Irmãos traduzia-se *por grande delicadeza*, que o convidava a aproximar-se de cada um. *Sua caridade era atenção; era inteligência do próximo*. Não esperava que lhe fizessem sinal, estava sempre alerta para ajudar, dizer uma palavra de conforto. Sabia fazer-se tudo para todos».⁸⁵ – *As mães dos Irmãos* tinham direito a uma *atenção particular*. Visitava-as de boa-vontade, sobretudo, se sabia que estavam doentes e, de regresso a Roma, não deixava de enviar-lhes a bênção papal. Já relatamos a carta que escreveu à mãe do Irmão Arthur Dugay, em 13 de maio de 1976, por ocasião da morte de uma das filhas. Carta remetida ao Irmão Arthur, então em Roma, para que fosse levá-la à mãe e fazer-lhe companhia. O Irmão Daniel Roy ao falar de sua amizade com o Irmão Basílio diz: «Interessou-se por minha família, visitou-a antes de sair do Russey. Minha mãe tinha câncer. De regresso a Roma, *enviou-lhe a bênção papal e lhe escrevia todos os finais de ano*».⁸⁶ O Padre Amador Menudo relata um caso semelhante: «Recordo-me de ter-me encontrado com ele na pregação de um retiro, na época de Natal. Sabia que minha mãe era muito idosa. Teve a gentileza de chamá-la ao telefone na noite de

⁸³ O Padre Amador Menudo foi outro grande colaborador de Basílio na pregação de retiros, Vive em Sevilha.

⁸⁴ Testemunho de 15 de janeiro de 2003, p. 5 (Redigido em Roma por ocasião de sua estada).

⁸⁵ *Basílio Rueda, outro Champagnat*, p. 106.

⁸⁶ *O Estilo de uma Vida*, p. 15.

Natal para dirigir-lhe palavras de consolação e de gratidão por ter aceitado de separar-se de mim para esse serviço em favor da Congregação».⁸⁷

Era delicado e *naturalmente generoso*. Em 1976, o Irmão Ricardo Dumrauf, da Província de Luján, Argentina, encontrava-se gravemente doente; *os rins* não funcionavam mais. Basílio propôs doar-lhe um dos seus. Infelizmente, não havia compatibilidade.⁸⁸ Um Irmão admira a *camisa* que ele veste, e lha dá imediatamente.⁸⁹ Outro Irmão idoso, deseja realmente uma lembrança pessoal de Basílio e, ao ver-lhe a *cruz* de profissão, lha solicita. Basílio logo desfaz-se dela e lha coloca sobre o peito.⁹⁰ O Irmão Alessandro di Pietro relata de que maneira todos os Irmãos que tinham a imprudência de louvar um objeto que viam na mesa do Irmão Basílio o recebiam logo de presente.⁹¹ Três Padres da Sagrada Família desejavam seguir o Curso de Formadores, que deveria se realizar em Roma, em 1990. Basílio lhes faz notar que o Curso está previsto para os Irmãos. Depois, repensando o caso: «A menos que um de vocês vá como capelão!». As aulas, porém, seriam em francês. Isso não foi obstáculo; Basílio achou-lhes um lugar em Paris, para diversos meses de estudo do francês, tudo às custas dos Irmãos Maristas.⁹²

A *atenção* às pessoas, a *generosidade*, tornavam-se muitas vezes *serviços concretos*: livros, cassetes, remédios, informações, notas, participação em retiros, sobretudo para as missões que passavam por tempos difíceis, como Moçambique e Angola. Basílio estava naturalmente sempre atento para descobrir as necessidades ou simplesmente os gostos das pessoas e causar-lhes prazer. Para o Ir. Arturo Chávez de la Mora, «servir os outros era seu *hobby*, sendo sobretudo *atento aos que estavam doentes*. Em todas as comunidades por onde passou foi enfermeiro, às vezes nomeado pelo diretor, outras vezes, espontaneamente». O Irmão Alfonso Falqueto, do Brasil, se lembra como Basílio o acolheu no Escorial, em 20 de agosto de 1967, poucos dias antes do início do Capítulo: «As atenções, a delicadeza, a acolhida fraterna; *nele o espírito de serviço* era extraordinário, assim como sua inteira disponibilidade».⁹³ Um grupo de Irmãos visitava a Casa Geral. Era inverno. Basílio, que os guiava, bem

⁸⁷ Depoimento de 15 de janeiro de 2003, p. 2.

⁸⁸ *Queimar a Vida*, p. 203.

⁸⁹ *Queimar a Vida*, p. 203.

⁹⁰ *Queimar a Vida*, p. 267.

⁹¹ FMS-MENSAGEM, n.º 19, maio de 1996, p. 45.

⁹² *Queimar a Vida*, p. 268.

⁹³ *Orientaciones*, outubro 1967, p. 524.

depressa notou que um Irmão estava com roupa leve; desapareceu por alguns instantes, depois regressou com roupa quente; pediu que a guardasse enquanto tivesse necessidade.⁹⁴ Um jovem noviço tinha feito alusão às castanholas de Espanha, fez-lhe vir um par das melhores. «*Sempre se esforçava para nos servir* – diz outro noviço – qualquer que fosse nossa necessidade. Era sempre o primeiro a encontrar o que nos era necessário».⁹⁵ Outro confessa que se dirigia a ele nos menores problemas: «*Eu sabia que ele deixaria o trabalho para ocupar-se de mim* Era uma de suas virtudes: *ajudar os que fossem ter com ele*, imediatamente, não importando a hora e o momento».⁹⁶ Com efeito, encontramos aqui o lado humano do amor que tinha para com Deus, e que Deus tinha para com ele. O texto que segue já foi citado, mas é tão belo: «Quem conheceu o fascínio do amor de Deus sabe que não se pertence. A alma, com efeito, não pede, ela se doa, e desse dom nasce a grande intuição: a vida só vale a pena ser vivida, se a gente ama incondicionalmente... Quando o amor de Deus irrompe numa vida, desencadeia um tipo de amor que faz perder a medida razoável. O Tu de Deus e do próximo predomina tudo. A morte prematura é o destino de um amor que se condensa no tempo. O amor quer doar-se, queimar sua vida».⁹⁷ Esta afirmação: «*O Tu de Deus e do próximo predomina tudo*», caracteriza Basílio. É a luz que nos permite compreender por que ele achava a força de velar os doentes de noite e lhes procurar tudo o que fosse possível; por que respondia a todas as cartas; por que impunha às suas viagens desvios contra todo o bom-senso econômico e por que lhe era possível viver um de seus grandes princípios que «*a pessoa é um absoluto*», e o amor é um débito à pessoa, não um objetivo. Sua *fraternidade era um grande respeito do outro*, o reconhecimento do outro, enquanto pessoa, enquanto absoluto.

Dois outros componentes emergem de sua amizade: *a ausência total de egoísmo, e a valorização do outro*. Alguns testemunhos bastarão. O primeiro chega da Colômbia e vê Basílio: «Servir os outros, sorrindo, e *sem dar-lhes a impressão de serem servidos*; trabalhar com método e intensidade; sacrificar mesmo o repouso mais legítimo e mais necessário; irradiar luz, reconforto, ideais, nos contatos pessoais, prolongados e sempre amáveis com seus numerosos dirigidos».⁹⁸ Encontramos

⁹⁴ *O Estilo de uma Vida*, p. 15.

⁹⁵ *O Estilo de uma Vida*, p. 87.

⁹⁶ *O Estilo de uma Vida*, p. 85.

⁹⁷ *Queimar a Vida*, p. 305 (Entrevista J.M.V. p. 162).

⁹⁸ Victorino Erloz, *Ecos de Columbia, O Estilo de uma Vida*, p. 12.

o segundo sob a pena de um francês: «O Irmão Basílio conhecia o homem até nas maiores misérias e se fazia tudo para todos. *Possuía, em grau raramente encontrado, o amor pelo Irmão, a ponto de ser capaz de morrer para salvá-lo, entregando-se a si próprio e*, ao mesmo tempo, testemunhando o amor de Deus, como fazia Jesus». ⁹⁹ É também o que diz explicitamente o Irmão Miguel López: «Acredito que *seria difícil achar no Irmão Basílio a busca de si mesmo, de seus interesses, de suas comodidades*. Não tinha absolutamente o tempo de se comprazer de maneira alguma em si mesmo, porque sua preocupação era o Reino». ¹⁰⁰ O apagamento de si mesmo deixa todo o espaço ao outro, que é sempre valorizado. É aquilo que o Padre Manuel Portillo reconhece: «Ele queria que os Irmãos fossem abertos, comunicativos; cuidava dos menores detalhes – as pequenas virtudes do Padre Champagnat – *reconhecia o valor de cada Irmão, de cada carisma*. ¹⁰¹ ... *Apreciava tudo o que era positivo, o lado ensolarado da vida das comunidades, dos Irmãos e da Igreja*». ¹⁰² O Irmão Victorino de Arce ¹⁰³ conheceu isso desde o Escorial e até seu último ano, no México. Lança sobre ele este olhar: «*Para mim, era o homem sábio, respeitoso da liberdade alheia, atento até nos pormenores. A amabilidade me parece um dos traços distintivos desse mexicano alegre...*». ¹⁰⁴ O Irmão Jesús Bayo Mayor fica próximo desta visão: «*Ele possuía grande capacidade de admirar, de descobrir e de louvar o que houvesse de positivo nos demais; fixava-se sobre as coisas boas, sem desconhecer as faltas e os limites*». ¹⁰⁵ O Padre Jaime Zudaire, capuchinho, viveu em Roma sete anos, de 1974 a 1981. Escreve: «*Não sei o que pensam os Irmãos Maristas; eu, porém, sempre o vi apreciar e fazer elogios das qualidades de cada Irmão e solicitar a colaboração de todos*». ¹⁰⁶ Seus noviços guardam esta impressão: «*Era pessoa que não impunha durante entrevistas: sabia escutar e respeitar profundamente o que a gente sentia, o que se vivia, dava sempre um conselho sábio, depois te deixava refletir...*». ¹⁰⁷ Um afiliado ao Instituto, ¹⁰⁸ confirma esta impressão geral: «O Irmão Basílio foi

⁹⁹ (Irmão Camille Gros, em *Estilo de uma Vida*, p. 14).

¹⁰⁰ *O Estilo de uma Vida*, p. 61.

¹⁰¹ *O Estilo de uma Vida*, p. 58.

¹⁰² *O Estilo de uma Vida*, p. 57.

¹⁰³ Irmão da Província de Madri, um dos mais abundantes em testemunhos e de estilo colorido. Em 17 de fevereiro de 2003 remeteu um pacote de cartas que Basílio lhe escreveu. Descobrimos que Basílio era seu diretor espiritual.

¹⁰⁴ *O Estilo de uma Vida*, p. 22.

¹⁰⁵ *O Estilo de uma Vida*, p. 64.

¹⁰⁶ *O Estilo de uma Vida*, p. 68.

¹⁰⁷ *O Estilo de uma Vida*, p. 80.

¹⁰⁸ Sr. Augustin García Blanco, de Venta de Baños, Espanha.

Marista achegado, aberto a tudo e a todos, *com grande respeito para as pessoas*, sabendo escutar. Foi homem de oração com visão muito clara de serviço a respeito dos Irmãos». ¹⁰⁹ Assim, as pessoas que se abriam ao Irmão Basílio achavam-se imediatamente no caminho de sua fraternidade, de sua amizade; sentiam-se escutadas, compreendidas, respeitadas, valorizadas. Como dizem os noviços: «*ele não impunha!*»; perante a pessoa humana, com seus mistérios profundos, Basílio fazia-se *humilde*, apagava-se para que o diálogo verdadeiro se estabelecesse entre a pessoa e Deus.

4. Simplicidade, alegria, equanimidade, entusiasmo.

Fazer alusão à humildade na essência da fraternidade de Basílio é recordar o grande número de depoimentos que afirmam a *simplicidade, a alegria* que criava ao seu redor, *o entusiasmo* que tinha a respeito da vida e de tudo o que era bom. Faz esta confidência: «Não sou homem fácil a comover, em contraposição, alegro-me e sinto vivamente as coisas». ¹¹⁰ Sua fraternidade era tanto mais aceita por ser *simples, alegre, entusiasta*. Saía-se de um encontro com ele revigorado, como se tivesse colocado um pedaço de seu sol no coração. Olhando o jovem Basílio, o Irmão Leôncio ¹¹¹ o recorda como «um jovem ordenado, jovial, muito comunicativo, um pouco levado e, por vezes, pregando aos companheiros peças que, entre alunos, criam alegria sadia. Era amigo de todo o mundo. *Foi a jovialidade que sempre o caracterizou*. Mesmo no noviciado, nos momentos de recreio *gostava de pregar peças aos coirmãos, que sabiam dar-lhe o troco*. ¹¹² Esses aspectos de Basílio foram confirmados pelo Irmão Arturo ¹¹³ que diz: «Era muito simpático e amável. *Sempre foi causa de alegria* e promotor do espírito de família na comunidade, e seu espírito jovial o levava muitas vezes a pregar peças de bom gosto aos confrades. *Suas peças ficaram célebres*». ¹¹⁴ Em carta a Basílio, o Irmão Leônidas, um de seus grandes amigos e que tinha sido seu Superior, diz-lhe: «*Há*

¹⁰⁹ *O Estilo de uma Vida*, p. 131.

¹¹⁰ Mensagem por ocasião da abertura do Congresso Marial. Viamão, 16 de janeiro de 1982, p. 2.

¹¹¹ O Irmão Leoncio Martín foi quem recrutou Basílio, depois será seu Provincial, se tornará Vigário-Geral do tempo do Irmão Charles Raphaël.

¹¹² *Norte Marista*, outubro-novembro de 1967, testemunho que vai das páginas 1185 a 1188. *Orientaciones*, outubro de 1967, p. 525-526.

¹¹³ Irmão Arturo Chávez de la Mora fez o juvenato, noviciado, escolasticado, depois os primeiros anos de magistério com Basílio; tornar-se-á Provincial do México Central, depois Conselheiro-Geral do Irmão Basílio.

¹¹⁴ *Norte Marista*, outubro-novembro de 1967, pp. 1188-1190. *Orientaciones*, outubro de 1967, p. 523.

muito azul em teu céu». Isso devia ser verdade porque sempre procurou tornar azul o céu dos outros. É pelo menos a impressão do Irmão Gabriel Michel: o fato de ter convivido com o Irmão Basílio permitiu-lhe ser *homem mais livre, mais pacificado*.¹¹⁵ Acrescenta: «Doava-se a todo o mundo, estava sempre disponível... Entre seus amigos havia gente de outras religiões, de outras concepções sociais. *Era o homem de diálogo*». ¹¹⁶ O coração sem pretensões, o homem simples vive sem preconceitos e deixa às pessoas os trunfos de que dispõem, espontaneamente ele é irmão universal. *Se é o coração que é simples*, não nos admiraremos de vê-lo com tanta frequência lavar pratos,¹¹⁷ limpar sua escrivaninha,¹¹⁸ apanhar uma vassoura para limpar o pátio,¹¹⁹ carregar as malas dos Irmãos que chegam ao Escorial,¹²⁰ em Roma, no México, servir à mesa,¹²¹ e oferecer os licores dos fins de festas.¹²²

Esse homem simples aproveita com alegria os imprevistos das viagens que lhe permitem um ou dois dias de praia, goza de uma excursão sobre um dos rios da Amazônia ou da agradável surpresa de uma eucaristia perante essa imensa floresta.¹²³ Esse *Irmão simples*, para a alegria dos outros, põe na cabeça um grande chapéu mexicano, reveste um poncho peruano, um kimono japonês, segura as rédeas de um camelo na Terra Santa e expressa muita alegria e gratidão ao mínimo presente que se lhe dá. *Em sua simplicidade e bom-senso* Basílio escuta com atenção as lições de Sociologia, que lhe dá o motorista de táxi de Caracas,¹²⁴ torna-se amigo de um engraxate, responde com o mesmo tom às crianças que lhe escrevem e aos noviços, e nunca recorda que foi Superior-Geral; evita falar de si, e atrai a atenção sobre os outros. O Irmão Demetrio Alzaga consagra uma página inteira à simplicidade do Irmão Basílio: «Pareceria lógico que um homem

¹¹⁵ *FMS-MENSAGEM*, n.º 19, maio de 1996, p. 40.

¹¹⁶ *Quero despertar a Aurora*, p. 41.

¹¹⁷ *O Estilo de uma Vida*, p. 21. O Irmão José López, que seguiu com Basílio os cursos de *Lectio Divina* recorda o espanto de uma Irmã ao ver Basílio sempre o primeiro a lavar a baixela; teve dificuldade em crer que se tratasse de um Superior-Geral. O Irmão, expressando sua impressão, diz: “Vi um homem inteligente, sábio, erudito, de vasta cultura; isso junto com simplicidade admirável e humildade que sempre resplandecia em todo seu procedimento”.

¹¹⁸ *O Estilo de uma Vida*, p. 14.

¹¹⁹ *O Estilo de uma Vida*, p. 52.

¹²⁰ *O Estilo de uma Vida*, p. 15. Diz isso também o Irmão Luís Minguillon, seu companheiro de viagem em muitas excursões. Basílio carregava-lhe facilmente a mala, quando deveria ter sido o contrário. Cf. *Madrid Marista*, Ao Irmão Basílio, p. 19.

¹²¹ *O Estilo de uma Vida*, p. 19.

¹²² *O Estilo de uma Vida*, p. 20.

¹²³ *Queimar a Vida* e *O Estilo de uma Vida* apresentam muitas fotos desses diversos casos.

¹²⁴ *Quero despertar a Aurora*, p. 47-48.

superior aos outros se convencesse do que é. Mas o que realmente me causa admiração é ver um homem cheio de qualidades e virtudes que, consciente de sua dimensão, seja também *capaz de ser humilde. Basílio o foi em alto grau. Seu fervor místico nasce, sem dúvida, de uma humildade a toda a prova...* Enquanto foi Superior-Geral deixou cair todos os títulos: desejava ser chamado Irmão Basílio, simplesmente: para seus ouvidos o termo Irmão soava melhor. Assim são os grandes homens: eles se sabem e se consideram humildes servidores do Senhor». ¹²⁵ Na circular *O Espírito do Instituto*, Basílio escreve páginas deliciosas sobre a humildade e a simplicidade. Haure as idéias em sua vivência, em suas convicções profundas. ¹²⁶ Para ele, os frutos da humildade são: «a aceitação de si, a paz interior, a harmonia na vida social, a disponibilidade, a adaptação, a afeição aos pobres e abandonados». ¹²⁷ O Irmão José Llamillo nota que «os Irmãos antigos, habituados a uma imagem do ‘Reverendíssimo Irmão’, um pouco respeitosa distante, ficaram surpresos ao ver o Irmão Basílio *próximo, afetuoso, trabalhar em mangas de camisa* para ajudar nos afazeres domésticos». ¹²⁸ Ao responder a um questionário sobre o Irmão Basílio, bom número de Irmãos, da Província de Madri, o vêem assim: «*Um Irmão que ama muito seus Irmãos, e estes se sentiam verdadeiramente amados por ele. Foi amigo e confidente, capaz de gerar grande confiança, desde o primeiro encontro, uma pessoa muito calorosa. Nele sempre se encontra atitude de acolhida, de escuta, de aceitação do outro tal como é, uma palavra de encorajamento...Era homem simples e familiar, que conquistava os corações das pessoas e nos ensinou a viver com o coração nossa consagração religiosa*». ¹²⁹

Muitos depoimentos citados colocam juntas simplicidade e alegria. *A alegria* é realmente umas das maiores características de Basílio. Essa *alegria* será mais apreciada ainda porque a Igreja e a Congregação passavam pela tormenta pós-conciliar, ou melhor, pelas dores do parto ¹³⁰ de um mundo novo. A Igreja havia tomado um caminho de renovação, e isso num mundo se tornava cada vez mais um canteiro de demolição e de reconstrução. Todos, inclusive os religiosos, viviam o sofrimento de uma constante adaptação. Situação difícil, mas para a qual, nós, Maristas, tivemos a felicidade de ter à frente um homem extraordinário, sempre confiante, *otimista por natureza*, e que queria a alegria.

¹²⁵ *Madrid Marista*, Ao Irmão Basílio, p. 12 (Número especial de 1985-86).

¹²⁶ Circular sobre *O Espírito do Instituto*, pp. 233-234. Nessa página, Basílio descreve os frutos da simplicidade.

¹²⁷ Circular de 2 de janeiro de 1968, p. 621.

¹²⁸ *Madrid Marista*, Ao Irmão Basílio, p. 20.

¹²⁹ *Madrid Marista*, Ao Irmão Basílio, pp. 18-19.

¹³⁰ Expressão da *Meditação em voz alta*, p. 346.

Basílio era enamorado da aurora, mas cita esta bela profissão de fé: «É de noite que é bonito acreditar na luz!».¹³¹ O Padre Amador Menudo confessa que tivemos sorte, porque nossos responsáveis abriam realmente caminhos de futuro, ao passo que eles, os padres seculares, eram muitas vezes deixados entregues a si próprios, por vezes como rolhas responsáveis.¹³² O Irmão Gabriel Michel reconhece que *Basílio queria que a alegria dominasse*. Às vezes, parecia até alegre demais, muito farsante. Logo que notava que o auditório começava a baixar a atenção, saía-se com uma frase ou uma história divertida, que relaxava e relançava o interesse.¹³³ «Inteligente como era, *tinha grande senso de humor* – escreve o Padre Amador Menudo. Era grande admirador do humor de Cantinflas, seu compatriota. Não era raro que, nos temas mais elevados, deixasse cair uma de suas frases, que faziam rir e relaxar o auditório». ¹³⁴ *A alegria se manifestava em brincadeiras freqüentes*. No livro *O Estilo de uma Vida* relatam-se diversas: «No Irmão Basílio, o senso de humor ia a par com a tranqüilidade; não sei se era de causa para efeito ou o contrário. Cito alguns exemplos: Pouco antes de ser eleito Superior-Geral, no decorrer de um retiro, dado em Burgos aos superiores e diretores maristas da Espanha, coube-me fazer o relatório de um tema discutido em grupos. Quando estava apresentando as conclusões à assembléia, as de meu grupo eram tão pouco claras que Basílio disse de seu jeito travesso: ‘Por muitos sinais isso me lembra a história de dois cónegos da Galícia falando sobre as últimas reformas introduzidas na liturgia. Um pergunta: «Que você pensa da reforma litúrgica?’. ‘Bem – responde o outro – de um lado você mesmo enxerga, e do outro que quer você que lhe diga!’.

No decurso de uma estada na França, tivemos ambos de nos vacinar contra o cólera. Vacina no ombro. Quando descobri o busto, recoberto de pelos abundantes, o Irmão Basílio exclamou: ‘Mingui, dir-se-ia que você ainda não começou a transformação darwiniana!’.

O Capelão da Casa Geral, o Padre Jacquemin, foi vítima de várias de suas farsas. Esse bom Padre Marista se vangloriava, como bom francês, de ser conhecedor de conhaque. O Irmão Basílio encheu de brande *Fundador* uma garrafa, que tinha a etiqueta do produto francês e, na ocasião propícia, lhe ofereceu um

¹³¹ Conferência de encerramento da *Conferência Geral de 1971*. Circulares, vol. XXV, p. 435.

¹³² Depoimento de 15 de janeiro de 2003, p. 3. Responsáveis rolhas, como os tampões impedem a água de se espalhar...

¹³³ *Quero despertar a Aurora*, p. 42

¹³⁴ Depoimento de 15 de janeiro de 2003. Ver também *O Estilo de uma Vida*, p. 23.

copo. O Padre saboreava lentamente esse brande espanhol, depois exclamou: ‘Como é bom este conhaque francês!’. O farsante morria de rir e me cutucava o pé debaixo da mesa, como para dizer: ‘Apanhei-o, não é?’.

Fino e irônico ao mesmo tempo, dizia das pessoas bonitas e agradáveis: ‘Como sua mãe o fez tão bem!’, e das que pareciam ter nascido para criar aborrecimentos: ‘Não é por sua falta, foi a mãe que assim a fez’.¹³⁵ *Queimar a Vida* relata peças que pregou aos noviços, alguns dias antes da morte.¹³⁶ Ofereceu-lhes chocolate injetado com substância acre, e bolos de tal maneira apimentados que alguns choravam ao comê-los.¹³⁷ O testemunho desta visita é cheio de emoção: «*Grande alegria nos invadiu*, quando nos encontramos em sua presença. Recebeu-nos de braços abertos, a cada um dirigiu uma palavra amável, depois nos convidou para comer os chocolates que estavam sobre uma mesinha».¹³⁸ Sabe-se que era de pequena estatura e que não hesitava armar-se de uma cadeira quando tinha de abraçar um Irmão muito maior, ou, pelo contrário, nas conferências, quando o quadro estava cheio, pedia ao menor do auditório que o fosse apagar, pretextando que ele não alcançava.¹³⁹ O Irmão Cláudio Girardi relata o acontecido no decorrer de uma conferência em sua Província. O quadro da sala de reunião apresentava uma rachadura, habilmente mascarada por um desenho a giz. Basílio escrevia, procurando sempre respeitar o desenho, mas quando o quadro ficou cheio, desculpou-se e começou a apagar o desenho. Então compreendeu a razão, voltou-se para os Irmãos e começou a rir, louvando a finura do artista.¹⁴⁰ O Irmão Jesús Bayo Mayór diz que «*ele mantinha sempre o bom humor. Vi-o sério e preocupado, mas nunca irritado. Tinha o sorriso e a piada à flor dos lábios...*».¹⁴¹ Pessoalmente, recordo-me de um fim de tarde sobre o terraço da escola de Antsirananana (Diego Suárez), em Madagáscar, isso devia ser em 1978. A brisa marítima tornava o momento muito agradável e, por cima de nós, a Via Láctea em todo o seu delicado esplendor. Chegamos a falar em casos

¹³⁵ O Ir. Luís Minguillón, em *O Estilo de uma Vida*, pp. 24-25.

¹³⁶ *Queimar a Vida* semeia diversas páginas com peças de Basílio, pp. 41, 58, 64... Um Irmão gostava de colecionar gravatas. Um dia, Basílio conseguiu entrar no quarto, subtraiu-lhe certo número de gravatas que distribuiu a outros Irmãos, pedindo-lhes que as pusessem e, no almoço, saudassem o colecionador. Este parabenizou os que chegaram por primeiro, dizendo que também ele tinha na coleção gravatas tão bonitas, mas quando o número foi grande demais, se deu conta da farsa.

¹³⁷ *Queimar a Vida*, p. 238.

¹³⁸ *Queimar a Vida*, p. 298.

¹³⁹ *Queimar a Vida*, p. 152 e p. 189 para o que se refere ao seu inglês.

¹⁴⁰ Depoimento de 19 de dezembro de 2002.

¹⁴¹ *O Estilo de uma Vida*, p. 64.

de loucos. Recordo-me de dois relatados por Basílio: «Dois loucos, de noite, estão na rua. Um deles tinha uma lanterna na mão que projetava luz sobre uma janela do quinto andar de um prédio. ‘Suba, dizia ao outro, é uma escada’. E o colega responde: ‘Não sou louco, sei tudo: quando eu estiver por chegar, você apagará a luz e eu vou cair!’. O outro caso: ‘Um louco num corredor, no alto de uma escada, finca pregos cuja cabeça está contra a parede, e a ponta, em direção a ele. Passa outro louco que lhe diz: ‘Você não está vendo que deve fincar os pregos na outra parede dianteira?’¹⁴²

Um noviço recorda quanto Basílio insistia que era possível ser fiéis; e conclui: «*Ele mesmo foi isto: fiel, santo, alegre, brincalhão...*».¹⁴³ Justamente seus noviços, que sabiam que era simples, alegre, amigo das brincadeiras, também lhas pregavam de boa-mente ou o representavam em caricaturas humorísticas sob as formas mais cômicas. *Era o primeiro a rir. E essa alegria era uma constante que ajudava Basílio a guardar grande estabilidade de humor.*

A equanimidade é também outra qualidade da amizade de Basílio. Era procurado com todo o prazer porque se sabia que não havia nele altos e baixos. Conhecia momentos de fadiga, de esgotamento, e então marcava outro momento aos que o tinham de ver, mas a acolhida fazia-se sempre em clima de respeito, de escuta, de estima, de compreensão, de encorajamento. *A equanimidade* está entre os aspectos que o Irmão Gabriel Michel e o Padre Amador Menudo mais estimam. De fato, Basílio chegou ao domínio generalizado de sua pessoa: humor, corpo, sono, quantidade de trabalho...

O Padre Amador acha que Basílio não era artista, *mas tinha o sentido do belo. Entusiasmo da vida*: gostava dos filmes bonitos, das cidades de arte, das grandes obras musicais, do encontro com os amigos ou membros da família, dos dias de festa: belas ocasiões para farsas; as capelas que ajudavam verdadeiramente a oração, os grandes bosques de Ariccia, perto do lago Albano, onde podia pensar suas circulares e rezar no fausto da natureza; a exuberância da floresta amazônica, a paz das praias tranqüilas. Seu entusiasmo já se manifestara nos cursos que dava nos primeiros anos de aula. Como professor e educador, seduzia seus alunos pela qualidade de seu preparo, pela proximidade que mantinha com os jovens, pelas iniciativas para tornar a aula ativa e pela orientação evangélica que imprimia às lições. O Irmão Arturo Chávez diz que

¹⁴² Basílio nos visitava com o Irmão Jean Thoullieux, Conselheiro-Geral. Viera ajudar-nos a fazer O *Projeto de Vida Comunitária*.

¹⁴³ O *Estilo de uma Vida*, p. 77.

suas aulas de Catequese e de Filosofia eram notáveis. Conforme o Irmão Leôncio, foi ele, com outros Irmãos, quem lançou os Cursilhos de Cristandade na cidade do México,¹⁴⁴ mas foi promotor também de outros movimentos apostólicos, como a Ação Católica e a Catequese às crianças dos quarteirões pobres. O Irmão Arturo, que lecionou com ele, diz que «seus alunos o apreciavam em grau extraordinário e que deixou neles marca indelével. Ainda agora, bom número continua a consultá-lo como um oráculo. Quando está na Espanha, do México lhe telefonam para obter seu parecer».¹⁴⁵ O Irmão Gabriel Rodríguez ao vê-lo lecionar diz: «Doava-se totalmente aos alunos, queria fazê-los progredir em todos os domínios. Inventava continuamente novos métodos para despertar o interesse e o amor ao trabalho».¹⁴⁶ Seus coirmãos também eram arrastados pelo grande zelo apostólico de que dava prova. «A juventude encontrava nele – escreve o Irmão José García – um mestre e amigo, um confidente espiritual e conselheiro, um homem bom e sábio em quem descarregar os próprios fardos e solicitar conselhos...».¹⁴⁷

O Irmão Raul Coral¹⁴⁸ é explícito neste ponto: «Ouvir durante oito meses sua doutrina luminosa e ser testemunha da limpidez de sua vida religiosa, só puderam despertar em mim grandes ideais de vida apostólica».¹⁴⁹

Na primeira circular que escreveu, faz esta confidência: «*Amo com toda a alma o que é positivo, dinâmico, e tenho prazer de ser semeador de otimismo, responsabilidade e entusiasmo... Sou entusiasta pela nossa Congregação... Devemos enfrentar o mundo com entusiasmo, porque apresenta muitas coisas boas, e há um grande número de corações sedentos de verdade e de justiça*».¹⁵⁰ Seria interessante fazer o estudo do vocabulário de Basílio; os termos mais frequentes seriam: *entusiasmo, alegria, generosidade, amizade, dinamismo, audácia*... Em 16 de janeiro de 1982, Basílio enviava uma mensagem, por ocasião da abertura do Congresso Marial no Brasil. Eis, desde a primeira página, as palavras típicas de Basílio: *imensa alegria, impressão muito agradável,*

¹⁴⁴ *Norte Marista*, outubro-novembro de 1967, p. 1188; o Irmão Arturo o confirma na p. 1189.

¹⁴⁵ *Orientaciones*, outubro de 1967, p. 523 e *Norte Marista*, outubro-novembro de 1979, p. 1189.

¹⁴⁶ *Norte Marista*, outubro-novembro de 1967, pp. 1190-1191. O Irmão Gabriel Rodríguez y Martín Del Campo foi Conselheiro durante o primeiro mandato de Basílio. *Orientaciones*, outubro de 1967, p. 524.

¹⁴⁷ *Orientaciones*, outubro de 1967, p. 515.

¹⁴⁸ *Norte Marista*, outubro-novembro de 1967, pp. 1191-1193. O Irmão Raul Coral é colombiano, colaborou com Basílio no Movimento por um Mundo Melhor.

¹⁴⁹ *Norte Marista*, outubro-novembro de 1967, p. 1191-1192.

¹⁵⁰ *Queimar a Vida*, p. 148.

*entusiasmo, união, criatividade, uma grande alegria, espírito de colaboração, admirável, maravilhosamente, muito bonito, cheio de alegria, uma idéia feliz.*¹⁵¹

Compreendemos por que Basílio teve tanto sucesso em suas relações humanas. Oferecia amizade segura, despojada de todo retorno sobre si. Teve centenas de amigos íntimos.¹⁵² As pessoas que iam ter com ele encontravam acolhida, atenção, respeito, amor, valorização, sabedoria, serviço, simplicidade, alegria, equanimidade, serenidade, paixão pela vida. Do ponto de vista humano, sua amizade era invejável. Essa riqueza estava sempre aberta à graça e posta ao serviço de Deus e do homem. Encontramos, mais uma vez, a união profunda entre o primeiro e o segundo mandamento, da contemplação e da ação, alma da Espiritualidade Apostólica Marista: Deus e o homem, dois absolutos para Basílio. O Irmão Roland Bourassa, seu Conselheiro-Geral, di-lo com palavras bem escolhidas: «Por sua ação, e também por seus escritos, o Irmão Basílio nos fez compreender que *cultivava em si dois amores sinceros, o de Deus e o dos homens*, e que *ele* compreendia tudo o que a fé coloca em nós de luz, segurança, força e certeza».¹⁵³ Basílio expressa-o muito bem numa carta aos seus amigos do Mundo Melhor. Vem inserida no fim deste capítulo.

5. Fidelidade

Em Basílio, a amizade é um universo de qualidades humanas em que a *fidelidade* está constantemente presente. Basílio é homem para quem a palavra dada, o compromisso, tinham muito valor. Não é por acaso que sua última circular foi *A Fidelidade*. É isso também que faz compreender o grande respeito que tinha aos Irmãos idosos; estava repleto de gratidão por eles. Muitas das confidências que os Irmãos idosos lhe enviaram para essa circular, estão repletas de emoção, de pudor; e revelam a confiança que depositam em Basílio e profunda afeição que lhe votam. Reabrir essa circular sobre a Fidelidade faria descobrir esses laços fraternos admiráveis que Basílio tinha sabido tecer com esses Irmãos que deram um sim completo a Deus. Outros sinais de sua *fidelidade* eram os telefonemas para chegar a um Irmão em dificuldade; os desvios que impunha às

¹⁵¹ Mensagem por ocasião da abertura do Congresso Marial, Viamão, 16 de janeiro de 1982, p. 1.

¹⁵² *Quero despertar a Aurora*, p. 80: A carta que escreveu aos amigos em 15 de dezembro de 1979, por ocasião do Natal.

¹⁵³ *O Estilo de uma Vida*, pp. 25-26.

suas viagens com o único objetivo de encontrar aquele que aguardava um momento de amizade e de diálogo; os milhares de cartas enviadas e seu costume de responder a elas. Suas amizades prosseguiram, até depois de os Irmãos abandonarem o Instituto. Interessava-se por eles, procurava-lhes trabalho, pedia aos Provinciais de se mostrarem generosos.¹⁵⁴ Depois há o grupo dos amigos íntimos, certos de receber, todos os anos, uma longa carta nas festas de Natal, de serem levados em seu coração e nas suas orações; saber que seriam acompanhados e muitas vezes visitados, quando a saúde periclitasse. *Admira-se sua amizade cordial e fiel.*¹⁵⁵ O Irmão Arnaldo Braguti¹⁵⁶ se espanta que ele o acompanhe ao aeroporto com todos os noviços. É que Basílio estava ainda convalescendo de uma operação no fêmur, e os deslocamentos lhe eram penosos. A amizade, porém, é capaz de proezas.¹⁵⁷ *Sua fidelidade e amizade* sabiam tornar-se inventivas para dar presentes de surpresa ou, quando o amigo estava muito longe, chamava-o ao telefone e pedia aos noviços de cantarem em sua honra ou de tocarem a guitarra ao telefone. É comovente ler as cartas freqüentes que Basílio escrevia a seu amigo Padre Arrupe¹⁵⁸ quando este andava doente: *é amizade extremamente afetuosa e encorajadora* que se prolongará por dez anos em cartas e visitas.¹⁵⁹ Teve a mesma atitude com o Padre Lombardi, fundador do Movimento por um Mundo Melhor, e o Padre Rotondi,¹⁶⁰ fundador do Oásis. Este padre morre nos braços de Basílio, em 1990. O Curso dos Formadores, de 18 meses, se realizava justamente no Oásis, casa do Padre Rotondi.

Uma amizade, tal como Basílio a viveu, só podia ser muito apreciada e preciosa. Ela o foi e conquistou muitos corações na Congregação e fora dela. Cartas que falam da amizade serão propostas depois deste capítulo. Essa amizade desabrochou numa natureza humana extraordinária, mas é constantemente motivada pela graça: é porque tudo é dado a Deus que tudo é dado ao homem,

¹⁵⁴ *Queimar a Vida*, p. 235: «Quando alguém se retirava do Instituto, não demonstrava contrariedade, estendia a mão, oferecia ajuda espiritual, humana, econômica... Nenhum dos que abandonaram o Instituto lhe guardou rancor. Não deixou ninguém só no caminho».

¹⁵⁵ *O Estilo de uma Vida*. Valeria a pena ler todo o depoimento do Padre Jaime Zudaire, capuchinho.

¹⁵⁶ Arnaldo Braguti é Irmão comboniano, enviado junto a Basílio, no noviciado do México, para resolver problemas pessoais. Seu depoimento é uma série de olhares penetrantes lançados sobre o Irmão Basílio.

¹⁵⁷ *O Estilo de uma Vida*, p. 71.

¹⁵⁸ Superior-Geral dos Jesuítas do tempo de Basílio.

¹⁵⁹ *Queimar a Vida*, pp. 184-185.

¹⁶⁰ A amizade e a estima desse Padre pelo Irmão Basílio chegara ao ponto de querer fundar uma Congregação de Padres a serviço dos Irmãos.

único espaço em que Deus pode ser verdadeiramente amado. É Deus que enobrece o coração de Basílio, e o coração enobrecido descobre que o outro, a pessoa, é um absoluto.¹⁶¹ O coração acolhe e vive com o mesmo elã o primeiro e o segundo mandamentos.

Basílio sempre assegurou esses belos sentimentos aos membros de sua família natural. Feliz de se encontrar no meio deles, ufano de carregar nos braços um sobrinho, de se fazer fotografar na sua grande família, ou simplesmente de jogar baralho. A todos oferecia amor e acolhida cheios de ternura.

Queimar a Vida se estende sobre esses momentos em família, nas pp. 274 e 279 a 281.

É um pouco o que Basílio descobre, quando se lhe pede de apresentar uma conferência sobre a Palavra de Deus em dois temas distintos:

- A Palavra de Deus como objeto de escuta,
- A Palavra de Deus como objeto de vida.

«Encontro-me com estes dois temas; meus esforços para defini-los e, sobretudo, minhas tentativas para dissociá-los e distingui-los me levaram a uma conclusão: estava me comprometendo com um trabalho *verdadeiramente* impossível e artificial. Em si mesmo e na prática, quando um dos dois é verdadeiro, projeta-se, cruza-se, implica de tal maneira o outro que, praticamente, se apresenta com o outro, como as relações transcendentais entre a Filosofia e a Teologia.»¹⁶²

Num homem de Deus, querer separar o humano da graça é puramente artificial. A amizade de Basílio foi amor, atenção, respeito, serviço, humildade, simplicidade, alegria, sabedoria, porque Deus era assim para com Basílio, e ele para com Deus. Era isso que irradiava sobre todos os que se encontraram em seu caminho. Ao vê-lo, compreendemos o que é ser Irmão e a amplitude da vocação a que Deus nos chama.

¹⁶¹ Circ. *A Vida comunitária*, p. 250.

¹⁶² Conferência: A Palavra de Deus e os ritmos da vida no cristão, p. 1. Conferência que Basílio deu aos Irmãos de Comboni, aos Irmãos da Consolata e aos membros do Pontifício Instituto das Missões Estrangeiras (PIME). Cf. Carta do Irmão Javier G. Terradillos, 4 de janeiro de 2003.

TEXTOS

1. Extratos de cartas que expressam a amizade

(Estes extratos foram tomados das cartas que Basílio escreveu ao Padre Arrupe¹⁶³ para acompanhá-lo e reconfortá-lo na doença que durou dez anos.)

Meu reverendíssimo e estimadíssimo P. Arrupe:

Chegaram-me notícias, no decorrer deste inverno, que seu estado de saúde se agravou e produziu inquietação entre nós e, sobretudo, entre seus confrades. Recordo-me com emoção do grande número de contatos que mantivemos com o senhor como Superior-Geral, e, sobretudo, da felicidade que tive de visitá-lo em sua casa, em seu quarto de enfermo, antes de partir de Roma.

Prometi-lhe enviar de tempo em tempo algumas linhas: breves, porque isso poderia fatigá-lo. Deixo até à discricção de seu enfermeiro de lhas ler ou não. No céu, verá que as escrevi do fundo do coração. Que elas lhe digam que o estimo muito e que o acompanho em seu calvário doloroso, mas quão fecundo para a Companhia e para a Igreja. Quando chegar a minha vez, que eu saiba levar a cruz da enfermidade com a mesma integridade admirável. Com respeito muito profundo e com afeição sou seu em J.M.J.¹⁶⁴

Queridíssimo P. Arrupe:

Quem lhe escreve é o Irmão Basílio Rueda, mexicano. Escrevo-lhe uma carta muito curta. Sei que seu estado de saúde não recomenda correspondência longa. Tive a felicidade de visitá-lo, pelo final do mês de novembro, e de lhe garantir minha amizade, minha oração e minha lembrança. Admiro a maneira exemplar como carrega a cruz. Peço e faço pedir para que o Senhor lhe conceda a força de continuar, como faz agora, com sua cruz, e a consolação interior para que seja consolado como Cristo no Getsêmani.

Acredite, Padre, que mesmo se os caminhos de Deus são imprevisíveis e, por vezes, desconcertantes; há sempre neles sabedoria e fecundidade maravilhosa. O senhor fez um bem extraordinário à sua Companhia e à Igreja, e esse bem se

¹⁶³ O Padre Arrupe foi Superior-Geral dos Jesuítas, de 1965-1983; em 1981 teve uma trombose cerebral que o fez sofrer durante dez anos.

¹⁶⁴ Queimar a Vida p. 184. México, 6 de março de 1986.

manifesta ainda em muitos lugares. Estou convencido de que essa etapa, como tem sido para o Padre Lombardi, é espiritualmente a mais fecunda e a mais admirável de sua vida presente.

Termino, Padre, assegurando-lhe que não o esqueço e que, dentro em breve, lhe escreverei ainda.

P. S.: Envio-lhe, Padre, esta pequena imagem que, acredito, devido à mensagem profunda que tem, poderá despertar em seu espírito sentimentos conformes a seu estado. As mãos de Deus são sempre mãos de Pai. É possível que o termo «alegria» não lhe pareça muito apropriado, mas o de «abandono», sim. Esta imagem lhe diz, ademais, que seu amigo lhe está próximo pela oração e pela lembrança.¹⁶⁵

2. Tipo de carta que Basilio enviava ao grupo de amigos mais achegados

15 de dezembro de 1979.

Meu caríssimo Irmão e meu grande Amigo:

É seu amigo quem lhe escreve, por ocasião do Natal e que emprega um meio ao mesmo tempo coletivo e deliberadamente pessoal.

A forma é coletiva, e sofro com isso, devido à nossa amizade, mas ousou assim mesmo falar de carta pessoal, porque a envio exclusivamente aos que são meus maiores Amigos.

O Senhor me concedeu esta alegria de entrar em relacionamento com milhares de pessoas; provavelmente não exageraria dizer dez mil, falando apenas daquelas com quem tive algum contato em tal ou tal ocasião.

Há, com certeza, um amor cristão que nos coloca em relação de simpatia e de caridade com todo o mundo conhecido e desconhecido, que se nos apresenta pela mídia e a imaginação. Daí, pôde ter nascido em mim, ou em cada um, uma solidariedade de fé cristã e uma solidariedade humana. O Senhor me concedeu também entreter amizades e relações mais pessoais mediante encontros, cartas ocasionais ou mesmo votos de Natal, que poderiam atingir este ou aquele amigo no seio de um grupo ou de uma comunidade.

¹⁶⁵ *Queimar a Vida*, p. 184, México, 20 de fevereiro de 1988. O Irmão Basílio continuou a escrever ao Padre Arrupe até a morte deste, em 5 de fevereiro de 1991.

Há, porém, um círculo ainda mais íntimo, e, se o número de membros é grande, o Senhor, entretanto, me permitiu sentir bem próximos todos quantos o compõe: são como os filhos de minha própria mãe; e você é um deles, e você não imagina a permanência e a força crescente de minha amizade.

Para alguns desse grupo, escrevo de tempos a tempos. Para outros, quase nunca. Mas, se uma circunstância da vida ou alguma viagem me permitem encontrar um, acho que até cinco ou dez anos depois a afeição permaneceu tão viva, senão mais, do que no primeiro momento. O mérito não é nem seu nem meu. É o desígnio de Deus e também o fruto natural da caridade cristã, da amizade espiritual e, diria também, do amor consagrado pela virgindade.

Quando penso na minha primeira juventude, nunca poderia imaginar essa experiência, no entanto agora evidente em minha vida: que o coração possa amar tantas pessoas como se cada uma fosse única, como se tivesse para cada uma a amizade profunda e permanente que se possa ter por um amigo íntimo. Finalmente, o que constato é que em vez de reduzir ou dividir a força do amor, o número de pessoas a purifica, aumenta e a torna mais oblativa e estável.

Então, por que será que agora quero expressar-lhe sentimentos que estão no fundo de meu coração, que, aliás, você conhece e aos quais você corresponde? É porque a festa de Natal, que está próxima, é o momento mais propício para dizer com simplicidade e sem falso pudor o que Deus faz germinar no melhor de nós mesmos.

Natal é a festa da solidariedade universal, que rejuvenesce os sentimentos pelo contato com as fontes. O presépio nos diz: o amor inefável, inacessível de Deus pela humanidade fez-se tangível nessa criancinha. É o beijo do amor histórico que o Pai dá aos homens e, por esse gesto, nos torna filhos no Filho, irmãos em nosso Irmão.

E podemos evocar com S. Paulo: ‘a insondável riqueza de Cristo, esse mistério oculto em Deus desde os séculos, para que seja a Igreja que agora o revele aos Principados e às Potestades’ (Ef 3, 9-10).

Sim, é o momento de viver num pasmo contemplativo essa espera amorosa que nos lança de joelhos: ‘diante do Pai – de quem toma o nome toda família’ (Ef 3,14) e que nos mantém na esperança, ‘aguardando com autodomínio, justiça e piedade, a manifestação da glória do nosso grande Deus e Salvador, Cristo Jesus’. (Tt 2, 12-13) Sim, somos sacramentos e proclamação dessa Boa-Nova que foi, que é, que vem e que espera a hora de sua plenitude, para nossa alegria e pela do mundo inteiro.

É sob a luz calorosa do Cristo que o lembrarei, agora, mais do que nunca, em minhas orações tão pobres quanto sinceras, para louvar com você, adorar com você, agradecer com você e bendizer com você. Para você e com você, pedirei o que o Espírito Santo inspirar a nosso coração de discípulos de Jesus e de servidores do Evangelho, de pedir para nós próprios e para a humanidade de quem carregamos as alegrias e os sofrimentos, as angústias e expectativas. (Seguem notícias...)

Inútil dizer-lhe que ficaria encantado de encontrar algum eco vindo do meu Amigo, mas sobretudo conto com o acompanhamento contínuo de sua oração e amizade. Perdoe-me por não assinar esta carta e não acrescentar-lhe duas ou três palavras que a tornassem mais pessoal. Não tenho materialmente o tempo para isso e, ademais, é preciso fazer algumas economias.

Abraço-o muito afetuosamente no Cristo e desejo a você e a mim que o Natal nos permita crescer no conhecimento do Senhor, no amor apaixonado por ele e no compromisso total a seu serviço. Esse dom sem reserva deve ultrapassar todas as nossas fraquezas e gerar em nós um estado interior de paz, de alegria, de esperança. Deve também comunicar-nos benevolência e ternura, abertura e acolhida, isto é, amor profundo para todas as pessoas, para toda a pessoa e para toda pessoa.

Que a doce Virgem Maria, que acolheu e embalou a Palavra de Deus, aquela que cobriu Jesus de ternura, presida nossas festas Natalinas. Pensando nela, gostaria de repetir estas palavras de um de vocês, ao contemplar o divino Infante: 'Feliz Menino com a presença e os cuidados de tal Mãe'.

Todo seu nEle que nos ama,

Basílio Rueda, fms."

3. Uma carta a Basílio

Caríssimo Irmão Basílio:

Pois não, eis-me aqui novamente para responder a seu pedido e lhe fornecer notícias de minha saúde, após a operação. Estou perfeitamente restabelecido; naturalmente, deverei andar mais folgado por uma semana ou duas.

Fiquei dez dias no hospital. Estive no Santa Ana com as Irmãs Irlandesas. Por estar o hospital fora da cidade, seu ambiente é calmo e silencioso. Fiz um verdadeiro retiro de dez dias. Tive tempo para ler, rezar, meditar, refletir e conversar com Deus, como *velho Amigo*, como Pai bem-amado. Tivemos tempo

para folhear capítulos inteiros de minha vida passada. *Quantas lembranças, quantas razões para dizer obrigado, obrigado!* É sempre mais interessante fazer isso a dois...

Agora, Reverendo Irmão, vou lhe dizer algo bastante original. Nunca teria acreditado que fosse tão *interessante* e também *tão enriquecedor* envelhecer. O Bom Deus se coloca de lado. Pouco a pouco nos reduz as forças, a vitalidade, as qualidades do corpo, dos sentidos, das faculdades, do espírito. É o entardecer da vida que desponta no horizonte.

O Bom Deus faz questão de nos desapegar de tudo, criar o vazio em nós e ao redor de nós, e isso pouco a pouco. Em seguida, enche esse vazio com sua presença, com seu amor. Seu maior desejo é que haja lugar somente para Ele.

Mais avanço em idade, mais experimento alegrias e consolações interiores como nunca as experimentara no decorrer de minha vida ativa. Fiz um contrato com Deus. Disse-lhe: “Antes de me inundar com suas alegrias, suas consolações, conceda-me em troca algo para sofrer, algumas contradições, e isso todos os dias. Caso se esquecer, vou lembrar-lhe. É contrato concluído, não é?”.

Há muito tempo em minha vida, observei que o dom de si, a renúncia, a abnegação e o espírito de sacrifício, são algo parecido com o húmus que se coloca perto das flores. Mais se coloca, mais elas se tornam vigorosas e belas, e mais o terreno está bem-preparado, mais os resultados são estupendos. Se um belo dia a gente se decidir a viver para o Bom Deus, crescer em seu amor, dar a nossa alma grande vigor sobrenatural, utilizemos os meios verdadeiros, empreguemos o bom húmus.

As ocupações me deixam algumas horas livres cada dia. Tenho tempo para passear devagarzinho nos bosques, jardins, canteiros, entre gramados e arbustos em flor. Detenho-me seguidamente para ouvir o canto dos pássaros, os estrilos dos insetos ou o soprar do vento nas grandes árvores que bordam as avenidas. Tudo, nessa grande natureza, me fala de Deus, que criou tudo isso para os seres humanos, por amor de nós.

À força de vê-lo assim todos os dias, nas pessoas, nos animais e nas coisas, em toda a natureza, parece-me que em certo momento a gente o segura pela mão. Perante o Santíssimo Sacramento, diante do qual tenho a felicidade de passar pelo menos uma hora cada dia, não é exatamente a mesma coisa. Aí vemos com os olhos da fé. Aí ele está presente em pessoa, realmente. Banhados na natureza, o percebemos mediante os sentidos, ajudados, certamente por nosso espírito de fé e pelo amor do Criador...

Ao encerrar, Reverendo Irmão, posso assegurar-lhe que rezo todos os dias pelo senhor, por todos os Superiores, pela Congregação e pelas intenções que me recomendou.

Em união de prece. Seu amigo, Irmão Bernard Perrault.¹⁶⁶

4. Carta a um padre

Meu caríssimo amigo:

Já faz muitos anos que estamos vivendo separados um do outro. Digo separados, mas não afastados. O espaço não cria afastamento, se os espíritos estão unidos, como é nosso caso. De toda a maneira, tuas obrigações e as minhas nos impediram até uma correspondência amiga normal.

Hoje, no entanto, te escrevo. Informaram-me a respeito da dor que visitou tua família. Nosso amigo Ocaranza foi quem me comunicou a notícia da morte de teu irmão e as circunstâncias que a envolveram. É por essa razão que me apresso, hoje, em te enviar algumas linhas de pêsames, partilhando contigo as tristezas presentes, como partilhamos, em outros tempos, alegrias e sonhos apostólicos.

Não há nenhuma necessidade de que eu acompanhe este sentimento com uma reflexão de tipo espiritual que te reconforte. Sei de antemão com quanta paz aceitaste a vontade do Senhor e seus desígnios misteriosos sobre as pessoas. Apenas posso dizer-te que, a teu irmão, não falta a ajuda espiritual de minha prece. A ti também não falta minha pequena lembrança perante o Senhor, para que teu apostolado seja verdadeiramente fecundo, e para que encontres nele mais alegrias do que decepções. Se tiveres tempo, me dirás como vão as coisas.

No que me diz respeito, posso dizer-te que Deus me ajuda muito. Meu trabalho é muito intenso, excessivo, humanamente falando; mas, dir-se-ia que Deus leva em conta isso e me concede saúde suficiente, a que é necessária, para suportar uma vida suficientemente agitada. Dentro de quinze dias parto para os Camarões; em maio e junho me encontrarei na América do Sul; um pouco mais tarde, visitarei a França, etc. Reza também por mim, para que eu possa ser sempre útil à obra do Senhor.

¹⁶⁶ Carta de 18 de fevereiro de 1977, de Kutama, Zimbábue. – Arquivos 77 02 154. (A família Perrault deu à Congregação 7 Irmãos Maristas, entre os quais o Irmão Régis Aimé, Conselheiro-Geral do tempo do Ir. Leônidas. Deu também à Igreja Padres e Irmãs.) – Em itálico as partes sublinhadas na carta.

Desta vez, detenho-me aqui. Com a lembrança muito fraterna e amizade especial, permaneço afetuosamente contigo no Cristo.¹⁶⁷

5. Duas cartas de saudações

Carta de votos ao Cardeal Pironio

Excelência e caro Amigo:

Do outro extremo do mundo, Austrália, envio-te os melhores votos de santa festa de Natal e de um ano muito fecundo e *muito novo*, dado que o Senhor guia maravilhosamente tua vida por um caminho, às vezes inesperado, mas cheio de edificação e de bem para sua Igreja.

Prometo-te minha oração e a oração dos 420 Irmãos que, no decorrer do mês de dezembro, estarão reunidos; pertencem à Província de Sidnei. Eu os saudarei de tua parte e acompanharemos de espírito, de coração e com a oração teus primeiros passos à testa da Congregação dos Religiosos. É nosso interesse para o bem da Igreja e para nosso próprio bem. É também minha afeição de amigo que tomará a peito a realização destas promessas que te faço. Monsenhor Tabera deixou entre nós a lembrança de bondade e de proximidade indeléveis. A tua não será menor, com certeza...

Com toda a afeição de um amigo, a obediência e o respeito de filho no Senhor.¹⁶⁸

Irmão Basílio Rueda, Brisbane, 6-12-1975.

6. Depoimento do cardenal Pirõnio

O Cardeal Pironio era prefeito da Congregação dos Religiosos. Em 19 de outubro de 1976, no decorrer do XVII Capítulo Geral, deu uma conferência aos Capitulares. Entre outras coisas, disse: «Agradeço de coração as palavras tão íntimas, tão cordiais e fraternas de ‘meu caro amigo’, o Irmão Basílio, e resalto ‘caro amigo’ porque, conforme acaba de lembrar, é amizade que vem de longe, há quinze ou dezesseis anos. Amigos unidos apenas no Espírito, no Senhor e na desgraça comum... Desejaria dizer-lhes com que alegria a Sagrada Congregação dos Religiosos, e com que alegria a União dos Superiores Maiores, reunidos em

¹⁶⁷ Carta que Basílio escreveu de Roma, em 28 de fevereiro de 1978, ao Padre Juan Manuel González, Mungía 128, B. Guadalajara – 2 Cf. Arquivos 78-03-017 – 51.09. Basílio D3.

¹⁶⁸ Cf. Arquivos 75 12 220. AFM 51.09. Basílio D2.

Ariccia em 7 de outubro, acolheram a notícia de sua reeleição como Superior-Geral.

Em nome da Igreja, devo agradecer-lhe a fidelidade com que, como bom Marista, disse sim ao Senhor, como Maria. Disseram-me que está por terminar uma circular sobre a Virgem Maria, alegro-me com isso. Gostaria de dizer ao Irmão Basílio que nós nos acompanhamos neste serviço de Igreja... Há algum tempo, li uma circular magnífica do Irmão Basílio sobre a oração. Parece-me que é o caminho autêntico da renovação para os dias em que vivemos, para ser presença profética no mundo.

Depois do Concílio Vaticano II, houve uma tentativa de renovação, que, pela pressa, apenas foi simples readaptação das formas e não verdadeira renovação: faltou a conversão do coração e de espírito, faltou a profundidade da oração».¹⁶⁹

Carta de votos do Cardeal Pironio.

Caro Basílio:

Que Deus recompense a delicadeza de sentimentos e de caridade que expressaste e que te animam. Continua a rezar muito por mim, como o faço por ti, enquanto te abraço e o abençoar no Cristo e na Virgem Santíssima.

Muito bonito o cartão-postal sobre a Virgem: «Maria conservava essas coisas e as meditava em seu coração» (Lc 2, 19).

Lá, no coração pobre e contemplativo de Nossa Senhora, juntos gozaremos a alegria de um Natal renovado todos os dias. E o Espírito Santo nos fará experimentar “o amor do Pai, manifestado no Cristo Jesus, nosso Senhor”. (Rm, 8, 39)

É meu desejo e minha prece para estas festas. Feliz Natal!

E. Card. Pironio Roma,

Natal de 1976.¹⁷⁰

7. Dois amigos se escrevem

Trata-se do Núncio Apostólico do Líbano, Sua Excelência Dom Alfredo Bruniera, e o Irmão Basílio. Conheceram-se quando Sua Excelência ainda era

¹⁶⁹ FMS especial 1976.

¹⁷⁰ AFM, 51.09. Basílio, D2, 76-12-113. Observem o estilo amigo nos dois casos. O Cardeal Pironio e Basílio eram intimamente amigos, como o podem ser duas pessoas tomadas pelo Espírito do Senhor e pela paixão de seu Reino.

Núncio no Uruguai. Cartearam-se muitas vezes em espanhol, alguma vezes em francês e, como dois grandes amigos, partilharam suas experiências de Deus.

Excelentíssimo Dom Alfredo:

Sinto grande alegria em lhe escrever estas linhas; conhece bem o valor que lhe reconheço e a estima profunda que nossas relações cordiais suscitaram em mim. Tenho dois motivos particulares para dirigir-me ao senhor com alegria e simplicidade. Em primeiro lugar para enviar-lhe votos de feliz Natal: é de todo o coração, como felicitamos os amigos. Depois, pelas circunstâncias especiais por que passou e ainda passa a Igreja do Líbano; situação que o toca de perto. Por isso, meus votos neste Natal e para o ano de 1978 estão repletos de desejos de PAZ para o senhor pessoalmente e para todo o povo libanês. Uno minhas orações e as de meus Irmãos àquelas que o senhor dirige ao Menino Jesus, para que envie aos seres humanos a verdadeira PAZ e o verdadeiro AMOR.

Desejar-lhe saúde perfeita faz também parte de meus votos. Ela é tão necessária para que, unida à serenidade, à prudência e a muito equilíbrio, possa apresentar-lhe uma solução para os graves problemas que o país vive. Nesse sentido, rezo também pelo senhor...

De novo, quero expressar a alegria que me proporciona este contato com um amigo tão bom; coloco minha pessoa e meus serviços à sua disposição e fico-lhe muito unido no Cristo.

Basílio Rueda, Roma, 15 de dezembro de 1977.¹⁷¹

Honradíssimo Irmão,

Sua carta de 15 do corrente chegou-me pelo envelope da Secretaria de Estado... Agradeço-lhe, em primeiro lugar, a afeição fraterna, bem como os votos de feliz Natal e ano-novo. De minha parte, lhos apresento com o mesmo afeto e a mesma sincera e profunda estima que nos ligam, desde nosso primeiro encontro na América Latina.

Desejo-lhe bom ano de 1978, tão fecundo como no passado, cheio de graças e de assistências divinas, a fim de que suas atividades tão numerosas a favor de seu importante Instituto sejam também coroadas de êxito.

¹⁷¹ AFM 51.09. Basílio D2 – 77-12-168.

Modere-se um pouco em suas freqüentes viagens e tenha um pouco de caridade para com você mesmo, para que esteja em condições de dar sempre mais a seus coirmãos.

Que o ano de 1978 o traga também ao Líbano para constatar o bem realizado por seus religiosos e o que resta ainda por fazer.

Queira recordar-me à lembrança de seus Conselheiros e coimãos da Comunidade Central. Terei, de minha parte, uma lembrança muito cordial do senhor na missa. Em união de orações e nos laços da caridade.

Alfredo Bruniera, Núncio Apostólico, Beirute, 24 de dezembro de 1977.¹⁷²

8. Carta aos amigos do Mundo Melhor

Caros amigos,

Aceito, com prazer, o convite amigo que me é feito pelo Rev. P. José Boson, de participar no próximo número do boletim que dirige mensalmente aos amigos do Movimento por um Mundo Melhor na Venezuela. A todos envio saudação cordial. Sinto-me como obrigado de fazer minha apresentação. Sou religioso marista, antigo membro do Movimento, em que trabalhei durante cinco anos, primeiramente no México, depois em Roma e, finalmente, no Equador. No decorrer destes últimos dez anos, visitei diversas vezes seu país, travando bem viva amizade com muitos Bispos, Padres, Religiosos e Leigos. Depois de dirigir por dois anos o Centro de Espiritualidade Marista hispano-americano, na Espanha, fui eleito Superior-Geral dos Irmãos Maristas, no Capítulo de 1967.

Há algumas semanas, por ocasião de um giro pelos países da América Latina, tive a felicidade de visitar pela quinta vez seu país. Foi com prazer que, em Caracas, cumprimentei alguns amigos e visitei a sede do Movimento. É com grande alegria que vejo o belo trabalho que o Movimento está realizando para promover o Reino de Jesus no país.

É por essa razão, caros amigos, que desejo acompanhar minha saudação com algumas breves reflexões, de acordo com os mais importantes objetivos que a Igreja se propõe e pelos quais o Movimento trabalha com ardor em muitos países do mundo.

¹⁷² AFM 51.09 Basílio D2 – 77-12-290

Quero dizer: o Pai, em Jesus Cristo, nos torna seus filhos e nos constitui irmãos entre nós, e isso nós vivemos em comunidade. Quando chamamos Deus nosso Pai, ao mesmo tempo nos afirmamos irmãos de todos os seres humanos, e nos comprometemos a viver como filhos em relação a ele, e como irmãos em relação a todas as pessoas. É por isso que a Sagrada Escritura nos ensina que o amor dos irmãos é a garantia e o sinal de nosso amor a Deus. E sua ausência prova que estamos mortos à vida divina. Pois bem, essa tensão dialética entre a vida e a morte, entre o amor e o ódio, impele o cristão a um combate constante, de onde o egoísmo deve sair derrotado (morto) em si mesmo e no mundo.

Na medida em que este morre nas almas, estas se tornam mais sensíveis para perceber a voz do Espírito, e as vontades se tornam mais dóceis às suas moções íntimas. Isso, porém, exige, hoje como sempre, que a Igreja se purifique interiormente e pregue de todas as maneiras a conversão do coração. É num coração purificado de todo egoísmo que o Espírito Santo pode colocar o amor cristão; e então, o novo rosto da Igreja brilhará como testemunho perante o mundo.

São João, ao fazer referência à fraternidade cristã, nos diz: «Quem ama seu irmão permanece na luz e não pode cair». «Quem diz que ama a Deus e não ama seu irmão é mentiroso, porque quem não ama o irmão que vê, não pode amar a Deus que não vê». (1Jo 2,10; 3,15; 4,20)

Toda a nossa religiosidade, como cultivo e desenvolvimento de uma vida de relação com Deus, é vã, se o amor ao próximo não estiver presente nela. Quem se encontra em semelhante situação perde totalmente seu tempo e seus esforços. Isso seria coisa extremamente lamentável para um cristão, dado que o batismo o consagra de maneira exclusiva a Jesus Cristo e que, por sua essência, o batismo é capaz de gerar no coração uma força e um estilo superior de amar. São Paulo nos ensinou isso de maneira notável: «Ainda que eu falasse línguas, as dos homens e as dos anjos, se eu não tivesse a caridade, seria como um bronze que soa... Ainda que eu distribuísse todos os meus bens aos famintos, ainda que entregasse o meu corpo às chamas, se não tivesse a caridade, isso nada me adiantaria...». (1Cor 13, 1-3)

O texto de São Paulo fala de maneira evidente da caridade cristã que, num mesmo movimento, abraça o amor de Deus e o amor dos filhos de Deus. Eis por que se pode afirmar, com a mesma força, que não há amor de Deus naquele que não ama os seus irmãos. Da mesma forma, pode-se afirmar que não há amor de caridade dos irmãos, se em primeiro lugar não se ama a Deus e não se

cumpra seus mandamentos. «Nisto reconhecemos que amamos os filhos de Deus: quando amamos a Deus e guardamos os seus mandamentos». (1Jo 5,2)
Meus caros amigos, não é preciso que eu continue o discurso. Para concluir, gostaria de expressar toda a amizade e a alegria que sinto no Senhor ao vê-los ligados a um Movimento que se propõe servir a Igreja vivendo e propagando a mensagem evangélica da fraternidade efetiva e universal, para que venha o Reino de Jesus.¹⁷³

¹⁷³ AFM 51.09 Basílio D1 – 70-11-112. Carta escrita em Roma, a 22 de novembro de 1970.

3

QUE HOMEM? QUE SANTO?

Caminhamos com Basílio, conscientes de que, para cada aspecto de sua vida e de sua personalidade, poderíamos dizer muito mais. O universo de suas cartas, dos relatórios das visitas às Províncias, de suas conferências, apenas foram a florados. Quando se quer apanhar Basílio, tem-se a impressão de estar perante um gigante, ele que entretanto, era tão simples, tão próximo.

Mas o caminho andado¹⁷⁶ nos permite lançar um último olhar sobre o homem e sobre o santo que foi.

1. Que Homem?

O homem, em primeiro lugar, para senti-lo próximo de nós, porque viveu conosco, em nossas vicissitudes, os tempos que são os nossos. Ele amava os desafios de nosso tempo, os progressos, as oportunidades criadas, consciente dos contrastes e das rachaduras. A espessura da humanidade de Basílio é feita com o estofado de hoje. É nosso contemporâneo.

Abordou nosso mundo com *inteligência e entusiasmo*, com o olhar da *fé* e a virtude da *esperança*, que deixa brilhar sua luz nos momentos mais sombrios: «É de noite que é belo acreditar na luz».¹⁷⁵ Acima de tudo *ele amou*.

Podemos acompanhar sua paixão pelo mundo e pelo homem desde os anos entusiastas da Universidade, aos últimos anos no grupo Epsimo. Na Universidade admira, depois imita seu professor Oswaldo Robles, caracterizado pela *fé*, pela seriedade do trabalho intelectual e pela quantidade desse trabalho. O Cristo deve brilhar através da inteligência de seus discípulos: o Cristo deve ser servido generosamente por seus discípulos. A qualidade do trabalho intelectual integra dois aspectos: assimilar e dominar o mundo das idéias de hoje e, portanto, ler e manter o passo; permanecer na crista da onda de um ano a outro.

¹⁷⁶ O caminho andado... vejam-se os cadernos 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7,... Seguiremos o caderno 8: Conferência sobre a Palavra de Deus, que permite contato direto com o estilo de Basílio; o caderno 9 que desejaria perscrutar o universo da fé e da esperança.

¹⁷⁵ Conferência de encerramento da *Conferência Geral de 1971*, p. 435.

O outro aspecto é o amor do mundo em que vivemos e, portanto, a aptidão de ver as oportunidades que oferece, o lado ensolarado, as conquistas humanas, conscientes das armadilhas e dos riscos. Basílio dispõe de uma característica tal que, por princípio, simpatiza, é feliz, quer viver dentro. Nunca está em situação de retirada ou de fuga: «É preciso abrir-nos de toda a alma aos valores de nosso tempo...».¹⁷⁶ Denominava o mundo como «o talento cósmico»,¹⁷⁷ um capital que Deus nos confia. É homem aberto que olha para a frente: «Colocarei todo o meu vigor em defender a causa das modificações e das liberdades úteis ao reino do Cristo e por melhor qualidade do testemunho de nossa vida».¹⁷⁸ A Espiritualidade Apostólica Marista, que propõe a todo o Instituto, é de encarnação, de presença, de vida, de trabalho no mundo. São lições aprendidas na Universidade nas aulas do Professor Oswaldo Robles, depois na amizade muito forte nascida entre ambos. São os anos de juventude em que se criam os hábitos intelectuais e humanos.

O último período de sua vida vê Basílio Mestre de Noviços e membro do grupo Epsimo. Esse grupo, composto de psicólogos, médicos, sociólogos, formadores, padres e pastores se propõe um olhar constante sobre o mundo, tal como ferve e se transforma, para oferecer uma palavra de síntese entre a fé e a cultura emergente. Quando se olha o programa de formação que Basílio traçou para seus noviços, só se pode admirar o equilíbrio, a abertura, a atualidade. Basílio visava a formar Irmãos para o mundo de amanhã, numa grande liberdade de espírito, longe de toda a esclerose intelectual ou espiritual.

Entre esses dois pólos, da Universidade ao Epsimo, Basílio sulca o mundo, como membro do Movimento por um Mundo Melhor, inicialmente; depois como Superior-Geral. Seu cuidado, fazer passar o sopro renovador do Concílio Vaticano II; ajudar a Aurora a nascer, a aurora de um novo estilo de Vida Religiosa: atual, aberto, audacioso, porque, em primeiro lugar, profundamente evangélico.

Suas viagens o colocam em contato com toda a espécie de pessoas, de culturas e de países; fazem-lhe descobrir o homem, seus múltiplos problemas, as maravilhas que a graça constantemente burila nos corações. Torna-se perito em humanidade, homem para os demais, com o princípio «a pessoa é um absoluto».

¹⁷⁶ Circ. de 2 de janeiro de 1968, p. 131.

¹⁷⁷ Circ. de 2 de janeiro de 1968, p. 287.

¹⁷⁸ Circ. de 2 de janeiro de 1968, p. 138. Na parte dessa circular: *Os apelos do mundo*, quase 200 páginas, citações como as apresentadas encontram-se com frequência.

Basílio torna-se tanto mais humano quanto mais descobre os mistérios do coração com a compreensão e a misericórdia que Deus inspira.

«Havia muito amor em seu coração!», dizia o amigo e colaborador Irmão Arturo Chávez. Como pessoa, era agradável, dotado de caráter feliz, otimista, aberto, humano que humaniza e enobrece. O último capítulo apresentou justamente o rosto humano de Basílio: amigo verdadeiro, atento, respeitoso, generoso, simples, fiel, criador de oportunidades novas. Era simplesmente Irmão. Era totalmente Irmão.

Basílio foi também muito admirado pela grande quantidade de trabalho que realizava. Foi verdadeiramente filho de um mundo caracterizado pela produção. Esse trabalho ele o conduziu como líder. Basílio nasceu para arrastar os outros; toda a vida foi locomotiva; achava-se na frente; assumia responsabilidades, como serviço, mas com competência. Tinha o senso da responsabilidade e, ao mesmo tempo, grande autodomínio para conservar a equanimidade e a liberdade interior de que um chefe necessita. Era percebido ao mesmo tempo próximo, simples, caloroso, e distante, frio, como o clínico que examina um caso sem deixar que os sentimentos perturbem o diagnóstico. São bem duas características de nosso mundo: simplicidade na vida social, seriedade perante um trabalho científico.

O homem Basílio não tinha limites? Fisicamente, sim. *Possuía saúde que o expunha aos resfriados, às bronquites de que se livrava dificilmente.* No corpo, isso foi a cruz de sua vida. Uma das conseqüências, unida à quantidade de trabalho é que, por vezes, chegava a tal ponto de cansaço que devia tomar dias de repouso, longe do lugar habitual de trabalho. Nas cartas aos amigos próximos, diz bem que a quantidade de trabalho que impõe a si mesmo está no limite do humano e que muitas vezes se sente cansado. Expressava isso com a imagem da vela acesa pelas duas pontas. Sabia que a intensidade do trabalho significava uma vida mais curta. Com freqüência teve de buscar forças na vontade e na generosidade para ir adiante. No entanto era prudente; contatava regularmente o médico particular, o Doutor Calleja, como também seu diretor espiritual.

Possuía caráter generoso demais, *dificilmente sabia dizer não*, sobretudo, se fosse o caso de prestar serviço. Era às pessoas em dificuldade que não sabia dizer não, mas não aos problemas gestão ou de administração de uma Congregação: solicitações para novas fundações, vendas, nomeações ou transferências de Irmãos... Todos os relatórios das visitas mostram a coragem que tinha em dizer aos Irmãos os pontos fracos da Província, por vezes com tal realismo que os

Irmãos reconheciam suas situações concretas, seus hábitos de grupo... A pessoa, porém, era por demais preciosa para Basílio. O Irmão Camille Gros diz muito bem que «Basílio estava pronto para morrer pelos Irmãos», e o Irmão Powel Prieur, seu Conselheiro, confessa que se fosse ter com ele como Conselheiro, não era sempre fácil achar tempo, mas caso se apresentasse com problemas pessoais, então a porta estava sempre aberta, todo o tempo necessário.

Certas testemunhas pensam que *se podia enganar facilmente o Irmão Basílio*. É o reverso da medalha de um homem que, por instinto, confia, é amigo e supõe no outro honestidade igual à sua. Teria, facilmente, feito suas as palavras de São Francisco de Sales: «Se me engano, prefiro que seja por demasiada bondade, que por demasiado rigor». Basílio preferia acreditar na pessoa e dar-lhe oportunidade. Houve quem abusasse de sua bondade.

O domínio das línguas também lhe causava dificuldades. Já no noviciado, o francês não era seu amigo. Em espanhol era exuberante, imaginativo, surpreendente, por vezes, insistente; mas conhecia limites nos outros idiomas. Dizia que tinha seu inglês, o inglês especial de Basílio, como os americanos têm o deles, os australianos também, e os escoceses e irlandeses... Mas convém não acentuar demais esse limite. Por um lado, seu trabalho de Superior-Geral deixava-lhe pouco tempo livre; por outro lado, com o tempo, expressava bem suas idéias, particularmente em francês, com quantidade de vocabulário que pode assombrar.

Esses limites o aproximam de nós, tanto mais quanto os reconhece e procura haver-se bem com eles. Perito em humanidade, afirma que nenhuma pessoa atinge equilíbrio psicológico perfeito; sempre ficará alguma fissura e alguns pontos fracos.

E no entanto muitos admiram o grande autodomínio que atingira: sobre o corpo, o sono, o humor... Muitos o acolhem como irmão e amigo, o procuram como diretor espiritual, o escolhem por líder, o lêem para serem esclarecidos, o choram na morte, agora o invocam.

O Irmão Kieran Geany, Provincial de Sidnei, tinha estatura para suceder a Basílio, em 1976. Uma hemorragia cerebral vai deixá-lo extremamente frágil. Quando Basílio morre, ele escreve um texto, uma série de palavras: era tudo quanto podia fazer, mas, no conjunto, traçam um retrato maravilhoso de Basílio:

Presença. Sabedoria. Deus.

Humildade. Simplicidade. Modéstia.

Alegria. Paz. Confiança.
Integridade. Liberdade. Valor.
Calma. Visão. Mistério.
Vida interior. Paz. Graça.
Amabilidade. Fidelidade. Justiça.
Força. Paciência. Bondade.
*Jesus. Maria. José.*¹⁷⁹

Esse escrutínio de palavras luminosas retrata bem o lado humano de Basílio e encaminha para o mistério do homem de Deus, «de um homem que não vive apenas de pão, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus».

2. Que Santo?

Todo o humano de Basílio está banhado na luz do segundo mandamento: «Amarás teu próximo como a ti mesmo!».

Sua personalidade, no plano humano, é rica e sedutora, mas está constantemente orientada pela fé, motivada pelo amor que vive com Deus e, de fato, como se Deus amasse através dele. É o amor que os santos oferecem aos seres humanos, que primeiramente foi vivido pelo próprio Cristo, e é uma expansão desse amor. Se quisermos compreender toda a personalidade de Basílio e fazer-lhe justiça, devemos concluir por uma reflexão sobre a santidade. Ela ilumina e faz compreender tudo.

É um convite a retornar à primeira parte deste livro que explorou a vida espiritual de Basílio: a graça, Deus, o Cristo, o Espírito Santo...

Não é que haja dicotomia em sua vida entre o humano e o espiritual; pelo contrário, há osmose constante, ou melhor, uma é a alma da outra: é a unidade da pessoa. O trabalho, como foi desenvolvido nestas páginas, é prático, mas artificial. No entanto, é preciso repeti-lo, Basílio ama deveras nosso mundo, mas só Deus justifica o gênero de vida que levou: de consagração, de apostolado, de fidelidade, de abnegação, de busca apaixonada da vontade do Pai.

¹⁷⁹ *O Estilo de uma Vida*, p. 153.

2.1. A fé

Nenhum capítulo foi reservado à fé do Irmão Basílio,¹⁸⁰ visto ser ela muito evidente em tudo o que faz. Ao ler-se com um pouco de atenção a circular *Um Novo Espaço para Maria*, não se pode deixar de ficar impressionado pelas freqüentes alusões à fé da Virgem Maria. A sensibilidade à presença dessa fé, constantemente ativa, constitui um dos fios condutores da circular. Com Basílio, descobre-se que Maria é admirável, nos é próxima, justamente por causa da fé. Essa sensibilidade, porém, revela também um homem que pensa na oração, que tem experiências para poder falar dela com tamanha acuidade.

Não se pode medir a fé dos grandes místicos sem ter entrado em seu mundo, sem fazer parte de seu grupo. Basílio tinha como livro de cabeceira as obras de São João da Cruz, místico que cita seguidamente e que assimilou com a inteligência e o coração.

E sua fé brilha em toda a parte. É a chave para compreender sua equanimidade, seu otimismo, o entusiasmo perante a vida, e as longas horas que passava em adoração ou em contemplação; as responsabilidades assumidas, com o trabalho e os problemas inerentes, somente porque vê nisso a vontade de Deus. Seu apostolado de viagens, de cartas, de escritos, de liderança, de proximidade aos Irmãos, os retiros, as conferências, os artigos: tudo proclama o Senhor Jesus e o amor infinito que existe no Pai.

Encontramos uma fé audaz, generosa, que testemunha, que fortifica e arrasta os demais: é a paixão pelo Reino de Deus. Será necessário reler o que ele próprio escreveu sobre o que é um profeta, o que é a experiência do amor de Deus, para compreender que isso se torna, por impulso interior e por natureza da vocação e do amor, testemunho, palavra, vida que desafia. E, sinceramente, não se pode ser diretor espiritual de tantas pessoas, como foi Basílio, escrever livros espirituais que têm repercussão de Igreja, demonstrar a esta amor e obediência total, sem a fé. O próprio Basílio afirma que joga toda a vida sobre uma única carta, a do amor que Deus lhe tem. É uma opção de fé.

Ao dar uma série de conferências sobre a Palavra de Deus, Basílio toca o ponto da obediência da fé a essa Palavra. Haurindo na sua vivência, diz: «A acolhida da Palavra de Deus produz... operações interiores que nos transformam por dentro:

- é-nos dada uma nova óptica;

¹⁸⁰ Um caderno ulterior lhe será reservado.

- nasce em nós a devoção e a afeição pela Palavra de Deus;
- ela se torna o lugar onde «se encontra nosso coração»:
 - lugar de luz,
 - lugar de paz,
 - lugar de força,
 - lugar de amor;
- vive-se na Palavra, procura-se a Palavra, nela se encontra luz para compreender e para situar-se perante os acontecimentos interiores e exteriores e para a realidade total.

Por outra parte, criam-se em nós as urgências da Palavra que interpelam nosso coração, nossas relações, a ação, a organização, a inserção.

Se formos fiéis, as obras seguirão, os comportamentos seguirão, e seguirão os compromissos normais a uma vida de fé...».¹⁸¹

Estamos diante de uma linguagem da fé, diante das experiência da fé, diante de um hábito de viver a fé, diante do testemunho da fé. Mais adiante, nos diz com devemos acolher a Palavra de Deus (Jesus): «Fundamentalmente, trata-se de deixar alguma coisa que não é nossa, voltar para nós, entrar em nós, nos invadir progressiva e totalmente, nos transformar e nos assimilar a tal ponto que isso não somente se torna nova vida, mas a única vida, e, se necessário, a vida pela qual estamos dispostos a perder nossa primeira vida».¹⁸² Ao falar aos Irmãos da Província Norte, Basílio lhes tinha dito de estar pronto a se fazer esfolar pelo Cristo e pronto a perder sua mãe, antes do que perder o Senhor.¹⁸³

Basílio permanece polarizado sobre Deus até o fim. Nos últimos momentos da vida, porém, sua fé se torna grande confiança no Pai, e confiança que é proclamada para que seja apostolado, encorajamento para os outros, certeza de que Deus ajuda a ser fiel. Na mensagem gravada para os amigos, um mês antes de morrer, diz: «Este foi sempre meu ideal: queimar a vida pelo Cristo e por minha Congregação». E depois de dizer que se pôs nas mãos de Jesus Cristo e nas mãos do Pai, ele termina: «Sinto-me aí em paz profunda, na ação de graças e todo para o louvor. Sei que não há mãos melhores do que as de Deus e é nelas que me coloquei». Eis como morre esse homem, cuja fé tinha sido trabalho pelo Reino, testemunho no povo de Deus e, sobretudo, amor de Deus e dos

¹⁸¹ Conferência: *A Palavra de Deus e os ritmos da vida no cristão*, p. 19.

¹⁸² Conferência: *A Palavra de Deus e os ritmos da vida no cristão*, p. 20.

¹⁸³ Chamamento à renovação, n.º 1, p. 9, outubro-novembro de 1972.

homens. Sua fé foi dom sem reserva na conjunção do primeiro e do segundo mandamentos.

2.2 A esperança

Somos pouco levados a nos interessar pela esperança. Sobretudo pela esperança como virtude teologal, indispensável ao cristão. O amor é mais bem acolhido, mais esperado, mais bem proposto. No pensamento teológico e nas dobras que dá à vivência cristã, a esperança passa por um tempo de purgatório. Basílio lembrou em diversas ocasiões que não se pode ser cristão sem a esperança.

Falou muitas vezes do profeta, dos valores proféticos da Vida Religiosa, e dele se disse que foi profeta. Ora, o profeta é homem da esperança, não tanto porque anuncia o futuro, mas porque, em tempos difíceis, recorda que Deus está presente. É homem que, nos momentos de desesperança, reaviva nos corações a chama da coragem e permite à peregrinação da vida continuar sua rota em direção a Deus. É o homem que firma «os joelhos trêmulos e as mãos vacilantes». É o homem que, no presente, qualquer que seja, desperta a confiança em Deus.

Uma outra realidade lhe voltava seguidamente aos lábios: era a da Escatologia, dos valores escatológicos, e que a Vida Religiosa os vive, os anuncia, os guarda vivos no povo de Deus. Para que a Escatologia se torne força que dinamiza a vida são certamente necessárias as virtudes teologais da fé e da esperança.

Os tempos de Basílio não foram fáceis nem para o mundo, nem para a Igreja e ainda menos para a Congregação. Em seu tempo de generalato, 18 anos, a Congregação perdeu um terço dos efetivos. Isso não lhe embotou o otimismo; o amor a Deus e aos Irmãos somente cresceu. Pedia a todos os Irmãos que tivessem confiança. Muitos recordam quanto acreditava na aurora, e tudo fazia para «ajudar a aurora a nascer!». Pode-se dizer que Basílio era um namorado da aurora, portanto, de uma jornada que ainda guarda todas as suas possibilidades. É que estava habituado a «viver ao ritmo da vontade de Deus,... a ver com a retina de Deus os acontecimentos humanos, para ajudar a aurora a nascer».¹⁸⁴

Na mensagem pós-capitular de 1993, diz aos Irmãos que «o Instituto chegou a uma virada de sua história,... que é necessário enfrentar desafios e circunstâncias

¹⁸⁴ Circular sobre *A Obediência*.

históricas que irão se intensificando». Perante as dificuldades que aumentam, Basílio convida os Irmãos «à confiança, à paz, à coragem!». ¹⁸⁵

A esperança é virtude que Basílio vivia, mas também sobre a qual aplicou a inteligência de seu coração. Na conferência sobre a Palavra de Deus tem diversas páginas sobre a esperança. A esperança cristã desempenha tríplice papel: de desejo, de espera e de aceleração.

De *desejo* porque «tudo gira em torno da promessa e da realidade, em torno do ‘já e ainda não’, do advento e da acolhida. Os tempos bíblicos se cruzam, e o cristão deve saber conjugar e sobrepor os tempos ‘ele veio, ele vem, ele virá’. Vive-se de uma lembrança que desperta a gratidão e de uma experiência que aumenta a sede, de uma promessa que nos mantém atentos e vigilantes... O desejo é a raiz humana mais típica da esperança». ¹⁸⁶

Na *espera* «a esperança cristã aguarda alguma coisa que virá verdadeiramente, de que se está convencido, porque Deus se comprometeu por sua palavra... Ela é fonte de muitas atitudes existenciais: estar à espera, contar com, otimismo e paz...». ¹⁸⁷ Ela ajuda “a viver com paciência e ação a Palavra de Deus”. ¹⁸⁸ «A paciência é esta educação de caminhar ao passo de Deus e segundo o ritmo de Deus em nossa ação, na pregação, nas intervenções, em nossas tolerâncias e intolerâncias». ¹⁸⁹

A *aceleração* é o fato de o Espírito rezar na alma do cristão para que “o dia do Senhor seja abreviado”; ¹⁹⁰ mas o cristão se empenha nesse sentido e ajuda, por seu trabalho apostólico, “a aurora a nascer”. ¹⁹¹

Essa espera e certeza da aurora é, na vida de Basílio, a filha da esperança. Mas Basílio esperava também a outra aurora, aquela que viveu a 21 de janeiro de 1996, pelo retorno ao Pai.

Toda sua vida foi tensão para a plenitude da vida que se atinge pela morte. A vida eterna, a sede de encontrar-se com o Pai, filho no Filho, animado pelo Espírito do Filho, na grande família dos santos, é a orientação última que a esperança imprime aos desejos mais verdadeiros do coração. A fé na vida

¹⁸⁵ Basílio Rueda, *outro Champagnat*, p. 59.

¹⁸⁶ Conferência: *A Palavra de Deus e os ritmos da vida no cristão*, p. 39.

¹⁸⁷ Conferência: *A Palavra de Deus e os ritmos da vida no cristão*, p. 39.

¹⁸⁸ Conferência: *A Palavra de Deus e os ritmos da vida no cristão*, p. 40.

¹⁸⁹ Conferência: *A Palavra de Deus e os ritmos da vida no cristão*, p. 40.

¹⁹⁰ Conferência: *A Palavra de Deus e os ritmos da vida no cristão*, p. 41.

¹⁹¹ Conferência: *A Palavra de Deus e os ritmos da vida no cristão*, p. 40.

eterna¹⁹² e a tensão da esperança, que criam o desejo e a fome, dão sentido a todo o viver cristão. É um ato de adoração que professa que Deus é verídico, que merece confiança, e suas promessas são dignas de fé. É assim que Basílio compreendia a esperança dos mártires.¹⁹³ Basílio viveu dessa esperança.

2.3 O amor

Forte na fé, firme na esperança, Basílio, sobretudo, soube amar. Este livro consagra dois capítulos a esse tema: na primeira parte, o do amor; na segunda parte, o da fraternidade de Basílio.

Seus textos mais belos são os que falam do amor de Deus, da Palavra de Deus. Seus tempos pessoais mais densos ele os vive em adoração. Seus gestos mais significativos eram os da atenção aos outros, da acolhida, da escuta, do reconforto, da fidelidade, da doação total de si.

Sua vida trança constantemente juntos o primeiro e o segundo mandamentos, na lógica de uma fé que quer ser verdadeira e concreta. Esse amor Basílio o vive, fala dele, o propõe. Bem quererá que toda a Congregação fizesse a experiência disso.

O que se reconhece de melhor nele é que deveras foi *Irmão entre os Irmãos* e «*que havia muito amor em seu coração*». Ele reconhece como essencial nele o seu ideal «*de queimar sua vida pelo Cristo*». Disse-o muitas vezes na vida e o repetiu um mês antes de morrer, quando bem percebe que a vida está queimada.

Basílio é

- homem extraordinário,
- homem de Deus sedutor,
- homem que Deus nos presenteou,
- homem que Deus nos propõe por modelo.

Esse homem nos deixa:

- a herança de sua sabedoria nos seus escritos,

¹⁹² Seria necessário ler aqui o que Basílio diz do julgamento de Deus e quanta sede tem dele. A passagem encontra-se na página 9 da conferência: *A Palavra de Deus e os ritmos da vida no cristão*. Relatados nas páginas 135-136.

¹⁹³ Conferência: *A Palavra de Deus e os ritmos da vida no cristão*, p. 21. Também as alusões ao capítulo 25 de Mateus! – o juízo final.

- o fruto de seu amor em todos os Irmãos que ajudou confirmou, confortou e dos quais descreveu a fidelidade,
- a sede da aurora, filha da esperança e da fé,
- ensinou-nos o trabalho paciente de «ajudar a aurora a nascer».

Porque muito nos amou, nos tornamos herdeiros e responsáveis por:

- sua sabedoria,
- seu amor,
- sua esperança
- sua fé.

Vivemos do trabalho e do espírito de Basílio e, hoje, sentimos que nos ama.

**QUANDO UMA VEZ
A GENTE EMPENHOU
SUA EXISTÊNCIA
SOBRE O TERRENO
DO AMOR,
NÃO HÁ MAIS
MARCHA A RÉ
POSSÍVEL.**

*Para o Irmão Quentin Duffy,
que trabalhou 18 anos como seu Vigário,
Basílio será lembrado*

POR SUA ALEGRIA JUVENIL,
POR SUA INTELIGÊNCIA
RÁPIDA EM APANHAR O ESSENCIAL
DE UMA BOA VIDA RELIGIOSA,
POR SEU ASCENDENTE E SUA INFLUÊNCIA
SOBRE OS HOMENS E AS MULHERES
DE TODA A IDADE,
POR SUA PIEDADE NOTÁVEL,
POR SUA FÉ
FORTE E CARIDADE ARDENTE,
PELA PALAVRA FÁCIL
E ESTILO FELIZ.¹⁹⁴



¹⁹⁴ Depoimento do Irmão Quentin Duffy, em 26 de fevereiro de 2003.

ÍNDICE

1 Basílio, o Superior **3 - 35**

| | |
|---|----|
| 1. Os depoimentos | 3 |
| 1.1 Critérios da escolha de Basílio como Sup.-Geral | 3 |
| 1.2 Julgamento sobre a liderança | 8 |
| 1.2.1 Quando deixa de ser Superior-Geral | 8 |
| 1.2.2 Depois de sua morte | 8 |
| 2. Um estilo de liderança | 11 |
| 2.1 A visão | 11 |
| 2.1.1 Em que consiste a visão | 12 |
| 2. Estratégias para que a renovação se encarne | 15 |
| 2.2.1 Estratégias de capilaridade | 15 |
| 2.2.2 Estratégias de grupo | 16 |
| 2.2.2.1 As Circulares | 16 |
| 2.2.2.2 Os Capítulos Gerais | 17 |
| 2.2.2.3 Orientações decisivas | 19 |
| 2.3 Constituições mais evangélicas | 19 |
| Textos | 22 |

2 Basílio, o Irmão **36 - 67**

| | |
|---|----|
| 1. Ele tinha o dom da amizade | 37 |
| 2. O amor | 40 |
| 3. A atenção às pessoas, o respeito, os serviços... | 42 |
| 4. Simplicidade, alegria, equanimidade | 46 |
| 5. Fidelidade | 53 |
| Textos | 56 |

3 Que Homem? Que Santo? **68 - 79**

| | |
|-----------------|----|
| 1. Que Homem? | 68 |
| 2. Que Santo? | 72 |
| 2.1 A fé | 73 |
| 2.2 A esperança | 75 |
| 2.3 O amor | 77 |